

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIAS  
ESCOLA DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**ANDREY POLEGATTI NOGUEIRA DE ALMEIDA**

**MEGAEVENTOS, COPA DO MUNDO E SEUS IMPACTOS E LEGADOS SOB  
A PERSPECTIVA DE PAÍS DESENVOLVIDO E PAÍS EMERGENTE:  
ESTUDO DE CASO ENTRE ALEMANHA EM 2006 E BRASIL EM 2014**

**GOIÂNIA**

**2021**

ANDREY POLEGATTI NOGUEIRA DE ALMEIDA

**MEGAEVENTOS, COPA DO MUNDO E SEUS IMPACTOS E LEGADOS SOB  
A PERSPECTIVA DE PAÍS DESENVOLVIDO E PAÍS EMERGENTE:  
ESTUDO DE CASO ENTRE ALEMANHA EM 2006 E BRASIL EM 2014**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Direito e Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.  
Orientador: Prof. Me. Leandro Bernardes Borges

GOIÂNIA

2021

Almeida, Andrey Polegatti Nogueira de. 2021.

Megaeventos, Copa do Mundo e seus impactos e legados sob a perspectiva de país desenvolvido e país emergente: estudo de caso entre Alemanha em 2006 e Brasil em 2014/ Andrey Polegatti Nogueira de Almeida. – Goiânia, 2021.

Total de folhas: 83 f. il.

Orientador: Prof. Me. Leandro Bernardes Borges

Monografia (Curso de Graduação em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Direito e Relações Internacionais, Goiânia, 2020.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

ANDREY POLEGATTI NOGUEIRA DE ALMEIDA  
MEGAEVENTOS, COPA DO MUNDO E SEUS IMPACTOS E LEGADOS SOB  
A PERSPECTIVA DE PAÍS DESENVOLVIDO E PAÍS EMERGENTE: ESTUDO  
DE CASO ENTRE ALEMANHA EM 2006 E BRASIL EM 2014

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Direito e Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.  
Orientador: Prof. Me. Leandro Bernardes Borges

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Me. Leandro Bernardes Borges

---

Prof. Me. Renzo Nery

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Aline Tereza Borghi Leite

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava a este trabalho. À minha irmã, Andressa, que me ajudou na escolha do curso acadêmico de Relações Internacionais, pelo qual eu me identifiquei, e que financiou meus estudos até aqui. Ao meu orientador, Leandro, que a todo tempo me auxiliou, com muita paciência, e me deu apoio para a conclusão gloriosa deste trabalho. Às minhas companheiras de curso, Ana Celina, Clara, Giulia, e Patrícia que ao longo dos anos da graduação mantiveram comigo me motivando e fornecendo apoio. À minha sogra e minhas cunhadas, por terem me acolhido em seu lar durante as longas noites em que me dediquei para este trabalho. Por fim, mas não menos importante, à minha namorada, Stella, que foi crucial para a produção desta monografia. Sou incrivelmente grato por sua paciência ofertada em todas as noites de pesquisa e escrita, pelo apoio, companheirismo e por ser minha inspiração.

## RESUMO

O megaevento que é a Copa do Mundo é um dos maiores eventos internacionais existentes e pode trazer grandes benefícios ou prejuízos para o país sede. Sua instalação nos respectivos países-sede, a cada nova edição, traz para estes visibilidade e atenção mundial, contudo, os retornos em sediar esse espetáculo varia especialmente se o país for desenvolvido ou não. O objetivo desse projeto é analisar os efeitos e os legados da Copa do Mundo no país-sede, contornando a questão de desenvolvimento e comparando os casos da Alemanha - país-sede da Copa do Mundo em 2006 - e do Brasil - em 2014. Primeiro, vai ser abordado os megaeventos e sua influencia com a Relações Internacionais. Para melhor compreender o atual cenário dos países-sedes é preciso discutir os significados do termo “desenvolvimento” e o que definem um país desenvolvido e país emergente, seguido pela história e evolução da Copa do Mundo. A essência do presente trabalho apresentará os padrões e obrigações que o país enfrenta ao sediar a Copa do Mundo, bem como os impactos que a Copa do Mundo trouxe para a Alemanha (2006) e para o Brasil (2014), e, por fim, os legados da Copa do Mundo nesses países mencionados. Esta é uma pesquisa qualitativa, que contará com uma pesquisa bibliográfica sobre o tema do desenvolvimento e com o uso do método comparativo para analisar os casos da Alemanha e do Brasil.

**Palavras-chave:** Megaeventos; Relações Internacionais; Copa do Mundo; Desenvolvimento; Alemanha; Brasil.

## ABSTRACT

The World Cup is one of the biggest international megaevents existing today and can bring great benefits or drawbacks to the host country. Its performance in the respective host countries, at each new edition, brings them worldwide visibility and attention, however, the returns of hosting this show are conditioned especially by the country's level of development. In this context, the objective of this project is to analyze the effects and legacys of the World Cup in the host country, considering the issue of development and comparing the cases of Germany – the host country of the World Cup in 2006 – and Brazil – in 2014. First, we analyze megaevents as an International Relations phenomenon, from a perspective of a high level of globalization. To better understand the current scenario of the host countries, it is necessary to discuss the meanings of the term “development” and what they define as a developed country and an emerging country, based on the history and evolution of the World Cup. The essence of this research presents the standards and obligations that the country faces when hosting the World Cup, as well as the impacts that the World Cup has brought to Germany (2006) and Brazil (2014) so far, as well as the socioeconomic legacies for the populations of these countries. This is a qualitative research, which will feature bibliographic surveys on the theme of development and the use of the comparative method to analyze the cases of Germany and Brazil.

**Keywords:** Megaevents; International Relations; World Cup; Development; Germany; Brazil.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1. MEGAEVENTOS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS</b> .....	12
1.1. Contexto Histórico e Cultural.....	12
1.2 Socioeconômica e Legados.....	15
1.3 Relações Internacionais Em Megaeventos.....	19
<b>CAPÍTULO 2. PAÍS DESENVOLVIDO E EMERGENTES</b> .....	27
2.1 Capitalismo e a Revolução Industrial.....	27
2.2 Indicadores E Características De Países Desenvolvidos.....	32
2.2.1 Renda Nacional Bruta.....	33
2.2.2 Produto Interno Bruto.....	33
2.2.3 Índice De Desenvolvimento Humano.....	34
2.2.4 Índice de Gini.....	34
2.3 País Emergente.....	37
2.4 Países Desenvolvidos, Emergentes e Megaeventos.....	46
<b>CAPÍTULO 3. OS LEGADOS DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL NA ALEMANHA (2006) E NO BRASIL (2014)</b> .....	50
3.1 Futebol, Copa do Mundo da Fifa e Requisitos Para Sedar o Megaevento....	50
3.2 Impactos da Copa do Mundo para Alemanha (2006) e Brasil (2014) .....	54
3.2.1 Principais Impactos da Copa do Mundo para a Alemanha (2006) .....	55
3.2.2 Principais Impactos que a Copa do Mundo Trouxe para o Brasil Em 2014.	59
3.3 A Copa do Mundo e os seus Legados.....	63
3.3.1 Legados da Copa do Mundo de 2006 na Alemanha.....	64
3.3.2 Legados da Copa do Mundo de 2014 no Brasil.....	67
<b>CONCLUSÃO</b> .....	71
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	74



## INTRODUÇÃO

O objetivo da presente pesquisa pauta-se no impacto dos megaeventos esportivos, mais especificamente a Copa do Mundo de Futebol da FIFA, nas relações internacionais, nas políticas domésticas e externas e no desenvolvimento socioeconômicos dos países que a sediam.

O megaevento conhecido como Copa do Mundo é um dos maiores eventos esportivos globais, organizado pela Federação Internacional de Futebol, mais conhecida como “FIFA”, que pode trazer uma extensa lista de benefícios ao país sede. Dado que, a responsabilidade de um país em enviar uma equipe de atletas profissionais a competir com outros atletas ao redor do globo, e o encargo em cumprir as datas pré-estabelecidas para os megaeventos, são reflexos ideais de internacionalidade e reconhecimento do coletivo internacional.

O atual sistema econômico e cenário internacional classifica os países como desenvolvidos e emergentes. Atualmente, os megaeventos em sua grande parte têm sido apresentados para países emergentes, como a China, África do Sul, Brasil, Rússia e Qatar. Ao sediar o evento esses países emergentes possuem a sua disposição o uso de uma das maiores ferramentas dos megaeventos que é o *Soft Power*, para as relações e política internacionais.

A pergunta feita por muitas autoridades governamentais é: vale a pena sediar um megaevento? O pensamento comum é que um evento de tão grande porte como a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos podem ajudar esses países na melhora do estado econômico ou social.

Para isso, essa pesquisa buscou esclarecer os pontos positivos e negativos de sediar os megaeventos e de forma fundamentada, concluir na direta relação destes eventos com o desenvolvimento da Infraestrutura, empregos, esporte, economia, turismo e demais setores socioeconômicos dos países.

No que concerne à finalidade deste trabalho, em síntese, será a de apresentar os resultados e as diferenças entre um país desenvolvido, estabelecido no cenário internacional, sendo o anfitrião e sediando a Copa do

Mundo, em comparação a um país em desenvolvimento, emergindo no mercado global.

O propósito é estabelecer quais foram os impactos econômicos e sociais causados pela Copa do Mundo, quais legados deixados aos países anfitriões, em termos comparativos entre a Copa da Alemanha, em 2006, e do Brasil, em 2014.

Salienta-se que não será aprofundado os estudos a respeito dos Jogos Olímpicos, apesar de se tratar de um megaevento, pois estes são sediados em apenas uma cidade do país, enquanto a Copa do Mundo é sediada em várias cidades espalhadas dentro de um país, fazendo os seus impactos e legados serem maiores e mais significativos.

Em síntese, a relevância da presente discussão está pautada nos benefícios e vantagens ao país que sedia um megaevento esportivo como a Copa do Mundo de Futebol. A análise das benfeitorias que conseqüentemente são impetradas ao país é por si só, um elemento de extremo valor para a discussão. Por exemplo, a melhoria do turismo, da infraestrutura, da imagem internacional, da qualidade de vida, o aumento na geração de emprego e outros diversos aspectos

O tipo de pesquisa a ser utilizada na elaboração do presente trabalho envolverá a pesquisa bibliográfica, a ser desenvolvida através do estudo de doutrinas, publicações divulgadas na internet (como artigos, comentários, podcasts, vídeos, entrevistas e palestras com especialistas) e em outros meios digitais, entre outras obras acadêmicas voltadas à temática.

Esse trabalho monográfico foi dividido em 03 (três) capítulos, sendo que o primeiro capítulo aborda desde o contexto histórico e cultural dos megaeventos, passando por seus legados nos países sede e por último, a influência deste assunto nas relações internacionais do país.

O segundo capítulo também se inicia com a abordagem ao contexto histórico dos países desenvolvidos e emergentes. Aduz a respeito desta classificação e quais são os parâmetros utilizados para identificar a posição do

país. Este capítulo é finalizado com a discussão acerca da relação dos países desenvolvidos, emergentes e os megaeventos esportivos.

Na sequência, o terceiro e último capítulo desta monografia trata a respeito das especificações de um megaevento ocorrido em um país desenvolvido, em comparação a um megaevento ocorrido em um país emergente. Para isso, foi realizado estudo de caso sobre a Copa do Mundo na Alemanha em 2006 e Copa do Mundo no Brasil em 2014.

Com esta dissertação é possível diferenciar os efeitos e resultados da escolha em sediar um megaevento esportivo, tanto para um país desenvolvido, quanto para um país emergente, bem como sua relevância para as relações internacionais do Estado e a capacidade em aumentar o *soft power* da região.

## CAPITULO 1. MEGAEVENTOS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ao decorrer deste capítulo sera abordados três assuntos importantes acerca dos megaeventos e das relações internacionais. Primeiro trata da função desses no âmbito internacional, apresentando um contexto histórico e cultural. No segundo, será demonstrando que megaeventos não se resume em um mero espetáculo que envolve dinheiro, mas que comporta valiosa discussão política e empresarial, além de discorrer os efeitos que um megaevento proporciona para a evolução das instituições, assim como seus legados. No terceiro, o foco será voltado para as relações internacionais em megaeventos, aprofundando-se sob um ponto de vista das relações internacionais, abordando o viés político que existe por trás dos eventos, assim como a diplomacia – também a classificada em diplomacia esportiva –, e o *Soft Power*.

O assunto possui grande relevância para se compreender o papel dos megaeventos contemporâneos, bem como os reflexos nas políticas econômicas internacionais e domésticas e nas relações de poder entre os Estados.

### 1.1. CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL

O termo “Megaevento” é utilizado como sinônimo de grandes competições esportivas, como são a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Tais eventos são altamente midiáticos e atingem um público global, que os tornam estratégias importantes de desenvolvimento de países e cidades que buscam destaque no cenário internacional. Conforme explica Roche (2003), o gênero “Megaevento” emergiu no final do século XIX, durante o período de construção de nações nas sociedades capitalistas, através da industrialização dos EUA e da Europa Ocidental. Esse período foi marcado por invenções culturais, como a criação de algumas modalidades esportivas, por exemplo.

A origem dos megaeventos possui ligação com o início das Olimpíadas, na Grécia Antiga em 776 A.C., em Olímpia, um local sagrado localizado perto da costa oeste da península do Peloponeso, no sul da Grécia

em que ocorreu o primeiro jogo olímpico. Os jogos olímpicos eram uma homenagem ao deus mais importante da religião grega, Zeus, o pai dos deuses (YOUNG, 2004). Historiadores acreditam que as Olimpíadas já haviam acontecido anos antes deste marco, contudo, essa foi a primeira a ser registrada.

As antigas Olimpíadas aconteciam a cada quatro anos, entre os dias 06 de agosto e 19 de setembro. Durante esse tempo, era declarada trégua em todo território grego, fazendo com que cessassem todas as guerras, oferecendo passagem segura para a Olímpia. Para a concretização de tais regras, ninguém era autorizado a trazer armas para a cidade. Em 394 D.C., o imperador Teodósio de Roma aboliu oficialmente os Jogos, o governante era cristão e queria acabar com as festas por acreditar que sua doutrina era pagã (HUGH, 1998).

Os jogos voltaram oficialmente em 1896, em Atenas, oportunidade em que treze países participaram. Além das Olimpíadas, vale destacar outro fenômeno que contribuiu para tornar os eventos esportivos em megaeventos, qual seja, a Copa do Mundo de Futebol, com estreia em 1930.

Atualmente, a discussão acerca dos Megaeventos não é restrita apenas às atividades esportivas que envolvem política, mídia e dinheiro, mas também aborda sua importância como ferramenta válida para a construção de um país, valorização da cultura nacional, e edificação de identidade e cidadania para a população, além de contribuir para a expansão de ideologias face a comunidade internacional.

MacAloon (1984) defende que o compromisso de um país em enviar uma equipe apta a competir com atletas do mundo todo nos Jogos Olímpicos, e a responsabilidade em cumprir o calendário de eventos de grande escala, são símbolos ideais de internacionalidade e reconhecimento do coletivo internacional.

Nos megaeventos esportivos, a cultura do esporte é apresentada ao mundo, cabendo aos dirigentes e organizadores do evento estabelecer uma conexão visível entre os princípios e as características únicas do país, bem como as práticas incluídas no evento. As cerimônias de aberturas são tipicamente ocasiões em que a inclusão é retratada, em suma, são as boas-vindas do anfitrião às nações concorrentes.

A cultura do esporte proporciona e motiva as pessoas a fazerem parte de um projeto coletivo, que organiza o espaço e o tempo social, e oportuniza a chance de personalidades comuns se tornarem heróis nacionais, mesmo sendo apenas mero espectadores que presenciam as possibilidades dramáticas e simbólicas de uma ação social organizada e efetiva.

Pode-se argumentar que os megaeventos possibilitam convivência e comunicação de multi gerações presentes, além de viabilizar a construção de memórias coletivas entre gerações. Portanto, pode-se dizer que os megaeventos oferecem oportunidades de unidade e desenvolvimento intergeracional.

No evento, as pessoas se unem temporariamente e são inspiradas a se tornarem membros ativos de movimentos culturais e políticos internacionais, como explica Roche (2002) que, entre o século XX e do século XXI, as organizações de megaeventos tentaram revelar importantes visões políticas para o público mundial, como multiculturalismo, ambientalismo, feminismo, acessibilidade à portadores de necessidades especiais, expondo durante as cerimônias e festas, os valores na consciência político-cultural contemporânea e diversidade.

Os Megaeventos podem ser úteis para o proveito de produção de centros e intercâmbios sociais e culturais, que ajudam a coordenar fluxos e redes culturais, políticas e econômicas intergeracionais. Esses processos contribuem para o atual desenvolvimento da cultura e da sociedade em nível global, além de fornecerem base sociológica para o papel proeminente, e às vezes controverso, que é desempenhado pelo o Comitê Olímpico Internacional (COI), e também pela FIFA, nos aspectos culturais da construção de instituições contemporâneas em seara global (PAULINO, 2015).

Sob uma ótica mais abrangente, tem-se que os megaeventos se constituem em eficazes oportunidades para cidades e Estados se auto promoverem internacionalmente em questões econômicas, sociais, urbanas, culturais, ambientais e esportivas. Isso explica o interesse de governos em se candidatar para sediar e organizar tais eventos. Finda-se que, esses fatores fazem com que a Copa do Mundo e as Olimpíadas sejam vistas como investimento financeiro público e privado, apto a gerar interesse para obter um

impacto social e uma audiência global que nenhum outro tipo de evento é capaz de proporcionar.

## 1.2 SOCIOECONÔMICA E LEGADOS

Para discutir os megaeventos, deve ser mencionado também o legado que esses eventos trazem para o país anfitrião. A palavra “legado” se define em “tudo aquilo planejado e não planejado, positivo e negativo, tangível e intangível, estruturas criadas para e por um evento esportivo que permanece por mais tempo do que o próprio evento” (PREUSS, 2007). No entanto, essa definição parece ser limitada quando comparada com os outros conceitos.

Poynter (2006) propôs duas categorias iniciais principais para a definição de legado: bens tangíveis e bens intangíveis. Para o autor, toda infraestrutura construída em decorrência de um megaevento, não apenas a infraestrutura diretamente relacionada à sua realização, pode ser considerada um legado tangível, pois é suscetível de análise econômica de baixo custo. Por outro lado, o impacto cultural de eventos de grande escala pode ser considerado patrimônio intangível, pois afeta a autoimagem, a atitude, a identidade projetada e outros aspectos sociais e culturais do local e de seus moradores.

O legado do evento, conforme usado pelo COI, reflete o valor das instalações esportivas e o valor das melhorias públicas fornecidas à comunidade ou organização esportiva após as Olimpíadas. Outras definições de legado podem se classificar categorias, como aponta Cashman (2005), que os definiu em seis campos: esporte; economia; infraestrutura; informação e educação; vida pública, política e cultura; símbolos, memória e história. Outra classificação semelhante de legados foi feita por Chappelet (2006), que, por sua vez, apresentou cinco categorias: legado esportivo; legado econômico; legado de infraestrutura; legado urbano; legado social.

Os exemplos variam de aspectos reconhecidos – como o planejamento urbano e infraestrutura esportiva – a patrimônio intangível, menos reconhecido – como renovação urbana, melhoria da reputação internacional,

aumento do turismo, melhoria do bem-estar público, aumento das oportunidades de emprego, aumento das oportunidades de negócios locais, melhoria da realocação de empresas, oportunidades de marketing na cidade, novo espírito comunitário, melhor cooperação inter-regional, valores culturais, memórias populares, oportunidades educacionais, experiências emocionais. Esses legados também possuem seus pontos negativos – como dívidas de construção, altos custos de oportunidade, infraestrutura desnecessária, gentrificação, perda de turistas, aumentos de aluguel, gradatividade de impostos, despesa elevada com manutenção de equipamentos sociais etc.

Existem dois pontos principais em que o legado dos megaeventos pode ser representado. O primeiro são os possíveis legados, os quais possuem cinco divisões, apresentado pela tabela abaixo.

OS POSSÍVEIS LEGADOS	
Legados	Resultados
Arquitetura Esportiva	estádios, arenas e outros equipamentos necessários;
	construções de infraestrutura urbana: obras de transporte, alojamento de atletas;
	compras de equipamentos: esportivos, de segurança, telecomunicações, informática;
	empregos temporários até mesmo permanentes;
	novas oportunidades e possibilidades de trabalho especializado;
	promove a realização de futuro outros eventos;
	aumenta a demanda da população por atividades esportivas;
Legados da inscrição do evento	A oportunidade de conhecer o processo de inscrição, os projetos e a realização do evento pela organização anterior, e o planejamento urbano da cidade candidata, que poderá ser utilizado pelo Poder Público independentemente da ocorrência do evento;
Legado da imagem do anfitrião	A projeção da imagem do país; a projeção da imagem da cidade anfitriã e da cultura urbana no país e no exterior;
	As oportunidades econômicas e serviços previstos que o país será capaz de oferecer;
	o nacionalismo como orgulho regional;



Legados de governança	Planejamento participativo, cooperação entre diferentes agências administrativas, parcerias públicas, privadas e liderança do governo local;
	Voluntários que expandem seus conhecimentos para sua comunidade, suas próprias famílias e outras comunidades;
	A transferência de conhecimento adquirido no evento para outros futuros eventos;
	A formulação de estratégias que vinculam grandes dimensões de eventos para o meio ambiente;
	A construção de estruturas apropriadas para uso futuro da população.
	A geração de informações e conhecimento a partir da organização de atividades (como bancos de dados, relatórios, etc.) que podem levar a resultados de pesquisas científicas, incluindo possíveis publicações, em universidades e outras instituições públicas e privadas de promoção de pesquisa;

Fonte: Megaeventos Esportivos (2011). elaboração própria

O segundo ponto principal do legado dos megaeventos são os impactos em benefícios econômicos, socioculturais e ambientais. Começando pela ótica econômica, cumpre salientar os diversos componentes que giram em torno desse legado em específico, tais como: o turismo, que privilegia um número de cidades e regiões e gera desenvolvimento e; a renovação urbana voltada para a construção de infraestrutura, que é foco principal para as cidades que desejam sediar um megaevento.

No entanto, acerca da criação de patrimônio, foram levantados problemas nos estágios iniciais de desenvolvimento do planejamento de longo prazo, especificamente no tocante às atividades pós-evento. Um megaevento pode estabelecer um Estado ou cidade no cenário internacional, mas, esse deve ser estrategicamente integrado ao plano geral de marketing turístico daquele ou daquela.

A mídia e os estudiosos estão cada vez mais céticos quanto à capacidade de megaeventos possuírem impacto ou até mesmo benefícios para os países (COSTA, 2013). Nem todos os que participaram do evento compartilharam os custos e benefícios igualmente, mas, quando o governo, os organizadores e o setor privado interagem de forma eficaz, o impacto pode ser

maximizado. A maioria das evidências capazes de afirmar que os eventos têm um impacto econômico significativo é baseada em pesquisas metodológicas inadequadas, logo, não há consenso sobre a melhor forma de medir o impacto e os benefícios dos eventos.

O impacto sociocultural de um megaevento, assim como todas as outras subdivisões do legado, tem seu lado negativo e positivo. É importante destacar que o apoio da comunidade local é crucial para o sucesso ou fracasso do evento. Octavio Tavares (2011), explica que maioria dos residentes provavelmente apoiaria o espetáculo ao perceber que elevaria o orgulho da comunidade, para a criação de intercâmbios culturais, para a valorização da imagem da cidade, além de representar aumento na autoestima e consciência da comunidade. Esses são os resultados sociais positivos mencionados com mais frequência. Tavares (2011), também apresenta que as atividades voluntárias para megaeventos dificilmente irão aumentar o nível de atividades voluntárias perante a comunidade, haja vista que, a população está cada vez mais consciente de que está sendo usada em benefício das elites econômicas e políticas, para que essas lucrem às custas das comunidades locais.

Com relação aos impactos ambientais dos megaeventos, deve-se considerar o gerenciamento de resíduos, o consumo de energia, o transporte, a reciclagem de materiais, e o impacto negativo no meio ambiente, entre outros. Em eventos de grande escala, a adoção de “políticas verdes” está institucionalizada, ou seja, a aplicação de políticas voltadas à conservação do meio ambiente é regra imprescindível para a ocorrência dos eventos, a sua realização é vista como uma oportunidade para dinamizar a consciência de sustentabilidade e tecnologia. O lazer usufruído pelos visitantes traz mais danos ambientais do que as próprias atividades esportivas da festividade, que pode ser observado com o aumento do lixo nas cidades e praias e a gradatividade no uso de automóveis poluentes para locomoção, por exemplo. A cooperação entre os diferentes participantes envolvidos em megaeventos garante a implementação harmoniosa de medidas voltadas ao meio ambiente e a participação de organizações ambientais no planejamento, objetivando reduzir as preocupações com o impacto ambiental.

### 1.3 RELAÇÕES INTERNACIONAIS EM MEGAEVENTOS

Existe um histórico de menosprezo entre as duas áreas, esportes e relações internacionais, como apresenta Taylor em sua obra *“The Politics of Sport”* (1986), ao abordar a divergência entre o esporte e as relações internacionais e a negligência mútua entre os dois campos sociológicos, em que, sob o ponto de vista das relações internacionais, o esporte ficou distante e em segundo plano, comparado ao foco principal de estudo.

As relações internacionais ainda têm como foco questões tradicionais, como segurança e política internacional, por isso tornou-se corriqueiro deixar o esporte fora do alvo dos estudos. Seria um tema secundário. Entretanto, com o tempo, novos assuntos vieram à tona na pauta dos internacionalistas, o esporte sendo um deles, como explica Vasconcellos (2008, p.9):

O universo de tópicos de política internacional abrange os assuntos mais tradicionais e típicos das disputas territoriais, lutas independentistas, afirmação de nacionalidades e movimentos insurretos, rivalidades ideológicas, guerra e paz, tratados, convenções e, notoriamente, a prática das representações e negociações diplomáticas. A constelação, ademais, envolve várias outras questões que motivam e mobilizam os atores internacionais, tais como os chamados novos temas, por exemplo, do meio-ambiente e biodiversidade, desenvolvimento sustentável e transferência de tecnologias sensíveis, propriedade intelectual, corporações transnacionais, lemas e legitimidade das organizações não-governamentais. O macrocosmo da agenda internacional relaciona também, desde época prévia ao aparecimento desses novos temas, a questão momentosa do esporte, que serviu de móvel, mote e meio de propagandas nacionalistas, de teatro de peças políticas, de palanque de discursos populistas e de plataforma de pretendido domínio ideológico.

Embora o esporte não seja ainda o centro das relações internacionais, tampouco base essencial para a saúde e a segurança, Suppo (2012) acredita que os especialistas em relações internacionais deveriam estudar mais o tema, e justifica de acordo com três razões importantes: por ser o esporte um fator de grande importância social e cultural; porque a internacionalização do esporte o tornou parte do sistema internacional; e por ser o esporte uma ferramenta poderosa para políticas e as organizações privadas, que deveriam ter sido

estudadas no quadro de análise das organizações internacionais e transnacionais.

Em um momento ou outro o esporte e as relações internacionais iriam ter que se relacionar e coexistirem, haja vista o crescimento e expansão ao longo dos anos dos eventos internacionais esportivos nos países. É óbvio que a análise do esporte pode nos dizer muito sobre as relações internacionais, ao relacionar, por exemplo, a economia global, diplomacia, a formação da identidade nacional e da mídia. Graças ao fenômeno da globalização, a importância do esporte para a comunidade internacional cresceu. Allison e Monnington (2002) exemplificam isso ao argumentar que os esportes modernos estão se desenvolvendo dia após dia, e que podem ser de natureza internacional basicamente desde o início.

Os esportes possuem grande influência nos campos da política internacional, explorando mais sobre Milza (1984), nota-se que o esporte possui três dimensões essenciais na política internacional, sendo que uma parte é integrante do reflexo da vida internacional, a outra é responsável por revelar o sentimento público, e a última por desempenhar função importante em aspectos da política externa.

No esporte, as relações internacionais envolvem países, cidades, regiões, clubes, atletas e seus agentes, torcedores, federações, organizações não governamentais internacionais – como FIFA, IOC –, empresas de comunicação, empresas multinacionais, anunciantes e apostas. Em megaeventos, como os Jogos Olímpicos ou a Copa do Mundo, esporte e relações internacionais estão internacionalizados em razão da competição internacional, de empresas muito e transnacionais, dos fluxos financeiros. Esses eventos criam certa unidade e identidade entre aqueles que assistem e participam.

A importância dos megaeventos não é vista apenas na construção de identidades compartilhadas. No sentido material, eles também são essenciais na busca de recursos de âmbito internacional para o campo nacional e na transferência de recursos domésticos para o mundo através do turismo, publicidade ou investimento direto estrangeiro. As relações internacionais sofrem impactos em consequência desses eventos. Vasconcellos (2008) traz à tona que

grandes eventos esportivos, geram a integração do ser humano e que cada um representa um poder nacional da competição entre nações, raças e ideologias, e aponta que são aptos a criarem conflitos de interesse.

Nas Olimpíadas de 2008, na China, o governo chinês usou o megaevento como palco mundial para mostrar ao mundo sua condição de ser uma grande potência econômica. Esse é um claro exemplo da influência dos megaeventos na política externa dos países e nas relações internacionais. Outro caso ocorreu quando a África do Sul perdeu a eleição para sediar a Copa do Mundo de 2006, o governo marroquino decidiu suspender as relações diplomáticas com o Qatar, porque o país apoiava a candidatura da Alemanha para sediar o megaevento. Nas olimpíadas de 2000, na Austrália, as delegações da Coreia do Norte e da Coreia do Sul se reuniram, exibindo o desejo de paz entre os dois países. Mais um exemplo aconteceu nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2002, em Salt Lake City, cujas evidências médicas e julgamentos técnicos considerados preconceituosos e prejudiciais aos atletas russos levaram à protestos políticos em Moscou e, em uma declaração oficial do presidente Vladimir Putin, que ameaçou boicote à delegação russa em participar da cerimônia de encerramento. Em 1988, na Coreia do Sul, os países capitalistas e os socialistas voltaram a competir, o que refletiu a reconciliação entre a União Soviética e os Estados Unidos à época (CARVALHO, 2005; TODT; ROLIM, 2007; VASCONCELLOS, 2008).

Uma das maiores ferramentas dos megaeventos para as relações e política internacional é o *Soft Power* e o que ele promove, não só para os países que sediam o evento, mas para o cenário internacional em todo.

Existem diversas discussões sobre a definição e a natureza do poder nas relações internacionais. Desde as décadas de 1930 e 1940, poder era basicamente definido em termos de capacidades militares e econômicas. Porém, a partir das décadas de 1970 e 1980, com as mudanças no sistema internacional, novos conceitos de poder surgiram.

No final do século XX, países que não são tão fortes em questão de poder militar ou econômico começaram ter influência e voz em certos aspectos. Portanto, os pensadores adotaram uma nova concepção teórica de poder, e a

dimensão militar deixou de ser um fator decisivo na pauta internacional. O que se seguiu foi um novo conceito de poder, criado por Joseph Nye, qual seria o *Soft Power*. Nye (2004), defende a existência de dois tipos de poder: *Hard*, que é a capacidade de coagir os outros por meio de capacidades militares e econômicas; e *Soft*, que pode moldar as preferências e atitudes futuras de outros sem utilizar força e coerção.

Nye (2004) ressaltou ainda que existem três fontes possíveis de *Soft Power*, que são: a cultura do país; os valores políticos; e a política externa. O primeiro consiste em uma série de valores e práticas que dão sentido social. De acordo com Nye (2004), por ter uma cultura universal de compartilhamento dos valores e práticas da comunidade internacional, o país tem mais chances de alcançar os resultados desejados. Quanto aos valores políticos e políticas externas, podem ser definidos como as políticas governamentais de um país. A arrogância, hipocrisia e políticas confinadas aos interesses nacionais que os interlocutores percebem no cenário internacional tendem a enfraquecer o *Soft Power* de um país. Por outro lado, quando os valores nacionais são consistentes com os valores perseguidos pela comunidade internacional, o *Soft Power* tende a aumentar (NYE, 2004).

Com o *Soft Power*, a realização de megaeventos pode oferecer grandes oportunidades para as potências emergentes gerarem recursos atrativos, mesmo que não tenham características políticas tão atraentes. Os Estados procuram chamar a atenção de outros países através de atividades que criam boa impressão e aumentam a compreensão do público estrangeiro. A principal vantagem de um evento esportivo é que o país anfitrião pode comunicar seu apelo por meio dos valores culturais comuns do esporte.

Ao longo da história, em algumas situações, os governos usam o esporte e megaeventos como ferramenta de ação política. O regime fascista usou a Copa do Mundo, realizada na Itália em 1934, para mostrar a força do país ao mundo por meio do troféu do campeonato; os nazistas usaram as Olimpíadas de Berlim, de 1936; as Olimpíadas de Moscou (1980) e Los Angeles (1984) que ocorreram durante o período da Guerra Fria, cujo evento russo foi boicotado pelo Estados Unidos, levando também ao boicote russo do evento estadunidense (AMAZARRAY, 2011).

Logo, o sucesso na organização de megaeventos oferece aos países uma oportunidade única de atrair um grande número do público internacional que podem ser usados pelos governos para melhorar sua imagem internacional de forma positiva. Para outros países, é um sinal igualmente positivo, uma forma de transmitir confiabilidade para outros Estados e, também, mostrar a capacidade de organizar tais eventos (GRIX; HOULIHAN, 2013). O fato de os esportes estarem no centro desses grandes eventos também aumenta o nível de atratividade que um país pode atingir. Isso ocorre porque, na prática, o esporte carrega certos valores, geralmente aceitos pela comunidade internacional.

Ao sediar megaeventos, os países têm se mostrado defensores de valores, tornando-os cada vez mais atraentes. Dessa forma, países com características ou políticas não aceitas internacionalmente terão a oportunidade de tornar sua imagem em uma mais positiva, potencializando seu *Soft Power*. Houveram alguns casos para minimizar imagens negativas e aumentar a consciência positiva, como na China antes das Olimpíadas de 2008, que adotava um regime autoritário; como na África do Sul, em que haviam casos de corrupção e segregação racial antes da Copa do Mundo em 2010; e como no Brasil, em que a desigualdade social entre as classes era visível antes da Copa do Mundo de 2014 (GRIX; HOULIHAN, 2013). Megaeventos podem minimizar imagens negativas sobre os países sede, mas não conclui uma erradicação do problema por completo.

Apesar de não ser este o principal motivo pelo qual os estados realizam ou esperam sediar megaeventos, é comum na maioria dos Estados ter uma imagem negativa no exterior, obviamente as razões principais e secundárias para a realização de megaeventos variam de acordo com o Estado, tipo de regime, região e época. Por isso, Estados com imagens negativas tendem a buscar tais eventos para alterar sua imagem (GRIX; LEE, 2013).

Uma relação clara é estabelecida entre a realização de megaeventos, o exercício do *Soft Power* e a promoção da imagem internacional. Ao sediar eventos esportivos, o país pode valorizar sua imagem internacional e desenvolver diretamente sua atratividade, ou seja, o *Soft Power* do país. Nesse

sentido, o realce de imagem é um meio de desenvolver *Soft Power*, e os dois estão diretamente relacionados.

No atual sistema internacional, cada vez mais interconectado, os países tentam aproveitar ao máximo momentos diplomáticos. O esporte desempenha papel importante neste processo, pois tem ampla popularidade em todo o mundo e pode servir como terreno comum entre os países, permitindo que o anfitrião e os convidados discutam questões que todos conhecem e que podem facilmente resolver (CHALIP, 2006). Em termos de ferramentas de política externa, o esporte também pode ser utilizado como ferramenta para o exercício do *Soft Power*. A popularização de eventos esportivos enseja início à diplomacia multilateral.

Megaeventos geram outro fator no campo de política além do *Soft Power*, o qual acompanha os esportes internacionais, visto na diplomacia esportiva. A diplomacia esportiva é uma ferramenta política utilizada por países para restabelecer laços ou para mostrar a força do Estado em nível global.

A relação entre esporte, política e diplomacia é uma longa e intrigante história que remete às Olimpíadas da Grécia antiga. O esporte é símbolo de civilização e forma de evitar conflitos, além de ser método diplomático poderoso que pode aproximar as pessoas. Assim como a música ou a arte, o esporte é uma linguagem universal que não fala uma língua particular e, por isso, pode transcender os conflitos das relações políticas. Por exemplo, as competições esportivas podem gerar oportunidades de diálogo de alto nível fora da mesa de negociação formal e também podem construir pontes entre diferentes países por meio da influência mútua de exercícios físicos, competições e jogos (MURRAY, 2018).

A diplomacia esportiva é a forma mais simples ou novo termo que descreve e traz de volta o conceito de uma prática milenar: usar o esporte para atingir objetivos, reduzir conflitos, e criar novos laços com pessoas novas. Mais especificamente, pode ser definido como o uso consciente e estratégico de eventos esportivos por atores estatais e não estatais para atrair, divulgar e construir uma boa imagem junto ao público e organizações estrangeiras,



moldando-os de forma benéfica para o coletivo (MURRAY; PIGMAN, 2014; MURRAY, 2017).

Consoante apresenta os autores Judit Trunkos e Bob Heere, na obra *“Sport Diplomacy: A Review of How Sports Can Be Used to Improve International Relationships”* (2017), o esporte fornece uma razão informal para os líderes internacionais se reunirem, afim de dialogar sobre as contribuições diplomáticas potenciais para eventos esportivos internacionais, que são diversas. Eles também podem servir como força universal na comunidade internacional e podem fortalecer o relacionamento entre dois países específicos, sendo um deles o país anfitrião.

Aproveitando a popularidade universal dos esportes, os eventos esportivos podem ser uma boa desculpa para reuniões informais de líderes, enquanto os eventos esportivos de grande escala permitem atividades diplomáticas em grande escala em que muitos líderes políticos podem se reunir. Há diversas reuniões oficiais e cúpulas de diplomatas e chefes de Estado, mas poucos são tão desejáveis e interessantes quanto os jogos esportivos. Enquanto desfrutam da competição nos esportes, muitos chefes de estado costumam aproveitar essa oportunidade para envolver outras partes em discussões informais sobre questões relacionadas.

Conquanto os megaeventos sejam um bom local para a realização de reuniões multilaterais, às vezes os chefes de Estado precisam de eventos especialmente planejados para resolver problemas entre os países. A “diplomacia do pingue-pongue” é um bom exemplo do uso de eventos esportivos para iniciar o diálogo político que ocorreu entre os Estados Unidos e a China durante a Guerra Fria, em 1972. A decisão de Nixon em visitar a China acabou com a rejeição de longa data da China pelos Estados Unidos. Um evento importante na diplomacia moderna e um movimento geoestratégico sábio. A pressão externa sobre a União Soviética aumentou e facilitou a retirada dos Estados Unidos do conflito do Vietnã (KISSINGER, 1994).

A diplomacia esportiva também está crescendo na prática. No século XXI, marcado pela globalização, interconexão e abertura, muitos países fazem experiências com a diplomacia esportiva. Os líderes da Índia e do Paquistão

frequentemente participam da “diplomacia do críquete” para resolver tensões na Caxemira, ataques terroristas, disputas comerciais e uma série de dilemas de segurança (SHAHID, 2015). Em 2015, a Austrália se tornou o primeiro país do mundo a codificar formalmente todos os aspectos de sua forte influência esportiva internacional em uma estratégia governamental abrangente de diplomacia esportiva.

A diplomacia esportiva concede ao governo flexibilidade para examinar as vantagens e desvantagens das relações diplomáticas, além de seu status político oficial. Os intercâmbios promovidos por esse tipo de diplomacia são considerados como forma gentil de explorar possíveis mudanças políticas. Eles criam canais alternativos de diálogo entre nações e, em alguns casos, podem ser usados como ferramentas para punir certas nações, provocá-las ou mostrar desprezo por elas (MURRAY, 2013).

Em suma, para Diego de Jesus (2014), os governos que usam o esporte como ferramenta diplomática se beneficiarão com isso. Os esportes desempenham função importante no cotidiano das pessoas, assim como outros fenômenos culturais globais, como música, comida e dança. Os esportes envolvem uma linguagem universal que todos podem praticar. Não obstante, esse tipo de poder só pode ser refletido quando os líderes esportivos e políticos entenderem como usar o esporte de maneira correta para atingir os objetivos a ele relacionados.

Atualmente, no século XXI, é mais provável que os esportes sejam usados para explorar a possibilidade de restaurar relacionamentos frios. Na teoria e na prática, a relação entre a diplomacia e o esporte internacional vem recebendo cada vez mais atenção.

## **CAPITULO 2. PAÍS DESENVOLVIDO E EMERGENTES**

Ao longo da história da humanidade, sempre houveram regiões pobres e regiões ricas. O que persiste até hoje e pode ser visto com o desequilíbrio no mundo atual, que é incomparável a qualquer outro momento. No período compreendido após a Segunda Guerra Mundial, as pessoas se despertaram para a nova realidade de que o mundo está desequilibrado em razão das enormes diferenças de um país para outro.

Existem alguns países ricos, poderosos e desenvolvidos, e por outro lado, existem muitos países pobres, dependentes e subdesenvolvidos. Mas o que significa se tornar um país desenvolvido ou um país subdesenvolvido? Para permitir que se compreenda a divisão do mundo sob estas classificações, serão esclarecidos alguns pontos históricos, conceituais, estruturais e característicos, além de exemplos de países desenvolvidos e emergentes.

A qualificação de desenvolvimento, em si, paira sob uma imprecisão conceitual, pois existem vários indicadores que são avaliados para determinar o desenvolvimento de um país. Ao longo da história humana ocorreram diversas mudanças de fato, mas existe uma linha ocidental fixa atrelada ao crescimento econômico, voltada aos países marcados por Revoluções Industriais. Os indicadores, neste contexto, foram formados para classificar os países desenvolvidos e emergentes. Para tanto, o presente capítulo objetiva descrever e explicar esses fenômenos, para que no terceiro capítulo desta monografia, sejam relacionados e avaliados ante a Copa do Mundo em um país desenvolvido e em um país emergente.

### **2.1 CAPITALISMO E A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**

Antes de abordar o contexto histórico de países desenvolvidos e emergentes, primeiro é necessário compreender o sistema econômico em que essas duas classificações são contextualizadas, qual seja: o Capitalismo.

Como expõe Maurice Dobb (1946), em sua obra, “*Studies in the Development of Capitalism*”, a transição do feudalismo para o capitalismo tornou-se o único exemplo claro e bem documentado de passagem de um modo de produção para outro. Essa transformação começou no século XIV, na crise do sistema feudal da Europa e continuou até a Revolução Industrial.

Fundado sobre as ruínas do feudalismo europeu, o capitalismo é um sistema político-econômico que prospera na criação de mercadorias, na acumulação e na expansão contínua. A essência do processo capitalista foi a criação de mercadorias que geram lucro, uma parte da qual é reinvestida para produzir outras mercadorias, e assim por diante. O ciclo é repetido e expandido indefinidamente até que um determinado mercado esteja quase saturado. Dessa forma, o capitalismo começou a ganhar contornos mais bem definidos em certos Estados europeus.

O sistema de produção capitalista é tão eficaz que supera ou domina todos os outros sistemas de produção e é acompanhado por instituições locais e nacionais (MISHRA, 1987).

O capitalismo é formado por duas classes, a burguesia e a classe trabalhadora. Petrin (2015), apresenta as características desse sistema econômico como, impulsionado pelo lucro, as relações remuneratórias da produção, e os meios de produção que envolvem a propriedade privada dos burgueses e o trabalho assalariado dos funcionários.

O capitalismo se afirmou como o modelo de produção, se tornando o novo sistema econômico. A Revolução Industrial representou o clímax da longa transição do feudalismo ao capitalismo. Com a Revolução Industrial, iniciou-se o processo contínuo de produção coletiva em massa, juntamente com acumulação de lucros e capital. Conseqüentemente, os lucros começaram a vir da produção de commodities, e não do comércio, o que gerou enormes disputas entre as regiões que possuíam condições favoráveis, como locais de investimento seguros, regiões de fornecimento de matéria-prima e mercados compradores.

Os países que mais se destacaram durante esse período foram a Inglaterra, França e Alemanha, que travaram grande disputa sob o domínio político e econômico do mundo, além da divisão dos territórios africanos e

asiáticos pelos seus próprios interesses. Esse debate fez com que tais países se colocassem como uma vantagem econômica sobre os outros países não tão avançados economicamente.

Como resultado da expansão capitalista, é possível notar cada vez mais as diferenças econômicas entre os países. Para distingui-los, surgiram duas categorias de classificação: desenvolvidos e emergentes ou subdesenvolvidos.

Países desenvolvidos se diferenciam dos demais, atualmente, por terem alta taxa de industrialização, longa expectativa de vida, elevada renda per capita, baixa taxa de analfabetismo, importante desenvolvimento tecnológico e pela exportação de produtos industriais.

Majaski (2020) descreve os desenvolvidos como países que obtêm o nível de industrialização elevado, padrão geral de vida alta e domínios tecnológicos avançados. Portanto, países desenvolvidos são aqueles cujo poder econômico, político e militar é significativo, cuja expansão da estrutura interna ocorre de dentro para fora. O desenvolvimento industrial nesses países ocorreu nos séculos XVIII, XIX e início do século XX.

Países subdesenvolvidos ou emergentes, segundo West (2002), são aqueles que dependem de países desenvolvidos, que possuem economias restritas e subdesenvolvidas, e industrialização tardia. Ao contrário dos países desenvolvidos, a estrutura interna dos países subdesenvolvidos é determinada pelo exterior, com o foco em atender as necessidades das economias externas. Nos países emergentes ou subdesenvolvidos, a pobreza, baixa produtividade, crescimento populacional, desemprego, dependência da exportação de produtos primários, fragilidade internacional, e as forças econômicas e sociais internas e externas são verdadeiras responsáveis pela desigualdade e baixa produtividade.

Desenvolvimento e subdesenvolvimento são situações históricas distintas, mas derivam do mesmo impulso inicial e tendem a se promover. Quanto mais ampla for a divisão internacional do trabalho, mais profundas serão as mudanças sociais presentes no centro do sistema, e mais intensa será a modernização de suas periferias.

Para melhor compreender as razões da continuidade histórica do subdesenvolvimento, é necessário observá-lo como parte do movimento global, como expressão da dinâmica do capitalismo industrial no sistema econômico mundial (FURTADO, 2000).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o uso da terminologia “subdesenvolvido” tornou-se cada vez mais comum, pois os países desenvolvidos passaram a ocupar uma posição de poder e influência no setor econômico capitalista, em que a partir dele, promoviam vendas de novas tecnologias e bens de alto valor para os países subdesenvolvidos.

Na década de 1950, além de exportar capitais, os países desenvolvidos também passaram a exportar bens manufaturados junto às empresas multinacionais. Como explica Bresser-Pereira (1978), a empresa multinacional é o nome dado pela Organização das Nações Unidas (ONU) que significa corporações residentes em outros países que exercem ou controlam os meios de produção.

Com o estabelecimento de grandes empresas multinacionais em todo o mundo, as mudanças no desenvolvimento econômico na década de 1950 aceleraram a internacionalização da produção em alguns países.

O período compreendido entre 1960 e 1980 é marcado por um paradoxo. Todos os países, principalmente os países em desenvolvimento, cresceram com mais rapidez durante o lapso temporal de implementação de más políticas desenvolvimentistas do que durante o período em que boas políticas forem adotadas.

O reflexo desse paradoxo é apresentado por Ha-Joon Chang (2002), no seu livro “Chutando a Escada”, em que é abordada contradição, justificando que as boas políticas não são ideais para os países em desenvolvimento, ao contrário, de fato, as más políticas podem ter um bom desempenho se forem aplicadas efetivamente. Ainda nos dizeres de Chang, o mais interessante é que as más políticas são as políticas aplicadas pelos países desenvolvidos quando eles estavam no processo de desenvolvimento.

Atualmente na fase do capitalismo financeiro, novos conceitos, ideologias, políticas e características de países desenvolvidos e emergentes surgiram. Serão esclarecidos e apresentados esses novos aspectos sobre os países desenvolvidos e emergentes nos tópicos adiante.

## 2.2 INDICADORES E CARACTERÍSTICAS DE PAÍSES DESENVOLVIDOS

A ideia original de desenvolvimento econômico foi definida com o aumento no fluxo de bens e serviços que cresceram com mais rapidez do que o índice populacional, mas que foi gradualmente substituído por outras ideias relacionados às mudanças sociais que deram coerência e significado ao sistema de valores.

Furtado (2000), aponta importante reflexão sobre o desenvolvimento, ao argumentar que este existe como uma aproximação gradual da teoria da acumulação, da teoria da estratificação social e da teoria do poder, constituindo o ponto de fusão de ciências sociais.

Em 2020, a ONU publicou as classificações dos países em seu artigo “*World Economic and Situation Prospects*” (2020), de acordo com o nível de desenvolvimento e com os critérios básicos de inclusão, que exigem certos limites em termos de renda nacional bruta per capita (RNB), produto interno bruto (PIB) per capita, índice de desenvolvimento humano (IDH) e o índice de Gini, com os valores econômicos sendo divulgados em dólares americanos (USD).

Para Majaski (2020), as economias desenvolvidas são geralmente características de países desenvolvidos, cujos critérios para avaliar o nível de desenvolvimento de um país consistem no PIB per capita, nível de industrialização, padrões gerais de vida e a quantidade de infraestrutura técnica. Majaski ainda relata que fatores não econômicos, como o IDH, podem ser usados para avaliar o grau de desenvolvimento social ou de desenvolvimento econômico, como se vê pela educação de um país, alfabetização e nível de saúde, como a expectativa de vida.

## 2.2.1 RENDA NACIONAL BRUTA

RNB é a quantia total de dinheiro ganho pelas pessoas e empresas de um país. Cheng (2021) diz que o RNB é usado para medir e rastrear a riqueza de um país anualmente e o valor inclui o PIB do país acrescido da sua receita do exterior. Destarte, os países estão divididos em renda alta, renda média e renda baixa, como apresentado na tabela abaixo. Para manter a compatibilidade com classificações semelhantes usadas em outros lugares, o nível limite da RNB per capita é definido pelo Banco Mundial.

Classificação de RNB per capita	Valor de RNB per capita
Alta	Renda que excede \$12.375 USD
Media	Renda entre \$1.026 - \$12.375 USD
Baixa	Renda inferior \$1.025 USD

Fonte: Nações Unidas “*Country Classification*” (2020), elaboração própria.

## 2.2.2 PRODUTO INTERNO BRUTO

PIB é o valor do mercado de todos os bens manufaturados e serviços produzidos dentro de um determinado período em um país. O PIB pode ser usado como parâmetro para avaliar o nível econômico de um determinado país. O cálculo do Produto Interno Bruto de um país inclui todo o consumo privado e público, gastos do governo, aumento do estoque privado, investimento, custos de construção pagos e balança comercial externa. Entre todos os componentes que compõem o PIB de um país, o saldo do comércio exterior é um dos mais importantes, posto que as exportações aumentam o valor do saldo e as importações diminuem (FERNANDO, 2021).

Um dos fatores utilizado para distinguir os países desenvolvidos dos emergentes é o produto PIB per capita. Conforme explica Brock (2020), o PIB per capita é um indicador que divide a produção econômica per capita de um



país pela população. O PIB per capita é um indicador global capaz de medir o grau de prosperidade de um país com isso os economistas o utilizam juntamente com o PIB para melhor analisar a prosperidade de um país com base em seu crescimento econômico. O PIB per capita é calculado dividindo o PIB de um país por sua população. Por exemplo, um pequeno país com um PIB de \$1 bilhão de USD e com uma população de 100 mil habitantes, tem um PIB per capita de \$10.000 USD.

O elevado PIB per capita por si só não confere o status de um país como desenvolvido, uma vez que se trata apenas de um aspecto econômico. Para um país realmente ser desenvolvido deve-se analisar os índices de toda a sociedade desenvolvida.

### 2.2.3 ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

O IDH é um dado estatístico desenvolvido e publicado pelas Nações Unidas para medir o nível de desenvolvimento social e econômico de vários países. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) descreve a criação do IDH para enfatizar que as pessoas e suas habilidades devem ser os critérios finais para avaliar o desenvolvimento de um país, e não apenas o crescimento econômico.

O índice é uma ferramenta utilizada para rastrear mudanças no nível de desenvolvimento ao longo do tempo, bem como para comparar o nível de desenvolvimento de diferentes países. Expõe Rasure (2020) que, o propósito de estabelecer o IDH é destacar os indivíduos para que suas oportunidades de trabalho e vida tenham um desempenho digno e satisfatório.

IDH é uma medida geral de desempenho em três aspectos importantes do desenvolvimento humano: vida longa e saudável, conhecimento e educação, e padrão de vida satisfatório.

Cada um dos três componentes é analisado na escala de 0 a 1 e, em seguida, a média é calculada. A saúde é medida pela expectativa de vida, calculada no momento do nascimento, assim, quando a expectativa de vida é de

20 anos o componente é igual a 0, e igual a 1 quando a expectativa de vida é de 85 anos.

A educação, por sua vez, é medida em dois níveis: o número médio de anos de educação para residentes do país e o número de anos de educação esperada para uma criança. A educação média de 15 anos é igual a 1, e a educação esperada de 18 anos se iguala a 1, logo depois é calculada a média somando os dois resultados e dividindo por 2.

O indicador escolhido para representar o padrão de vida é baseado na RNB per capita por paridade do poder de compra (PPC), que é um indicador comum usado para refletir a renda média. O padrão de vida é normalizado, portanto, quando a RNB per capita é \$75.000 USD, o padrão é igual a 1; quando a RNB per capita é \$100 USD, o padrão é igual a 0.

A pontuação final de cada país no IDH é calculada de acordo com a seguinte fórmula:  $IDH = (SAÚDE \times EDUCAÇÃO \times RENDA)^{\frac{1}{3}}$ , os três componentes são multiplicados e divididos pela raiz cúbica, gerando, assim, o resultado do IDH (TNHDI, 2020).

#### 2.2.4 ÍNDICE DE GINI

O Índice de Gini, criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é uma ferramenta para medir o grau de concentração de renda de um determinado país ou grupo. Ele apontou a diferença entre a renda dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente falando, varia de zero a um. O valor zero representa igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda. O valor um está no extremo oposto, ou seja, uma pessoa possui toda a riqueza (WOLFFENBÜTTEL, 2004).

O índice de Gini não mostram quais são os países mais ricos e os mais pobres, apenas esclarece o grau de concentração da renda para todos. É possível que alguns países sejam ricos em valor absoluto ou em fatores econômicos como o PIB, mas o índice de Gini é muito alto. Se isso acontecer, significa que a renda está concentrada nas mãos das pessoas ricas. O oposto também pode acontecer. Um país pode ser considerado pobre economicamente,

mas o coeficiente de Gini é muito baixo. Se isso acontecer, significa que todos têm a mesma renda e são igualmente pobres.

Esses são os critérios usados pela ONU para definir o país desenvolvido, contudo, os países desenvolvidos exibem diversas outras características além desses critérios. Cabe ressaltar que, nem todos os países apresentam todas as características, mas a maioria possui certos tipos de características tidas como importantes, quais sejam: domínio econômico; estrutura industrial completa que produz vários tipos de bens; agricultura moderna, que se utiliza de maquinário e mão de obra qualificada; alto nível de desenvolvimento tecnológico; meios de transporte e comunicação modernos e eficazes; população urbana é maior do que a população rural; população ativa ocupada principalmente no segundo e terceiro setor; pequena porcentagem de analfabetos; alto padrão de vida; boa alimentação, moradia e condições sanitárias básicas; baixa taxa de natalidade e mortalidade infantil; alta expectativa de vida (MACHADO; PAMPLONA, 2008).

Para Spacey (2018), um país desenvolvido é um país que pode oferecer para sua nação elevada qualidade de vida e segurança econômica, entretanto, em suma, o país deveria fornecer para a sua população no mínimo 9 características para ser considerado desenvolvido. Essas características são mais bem apresentadas na tabela abaixo:

CARACTERÍSTICAS	DEFINIÇÃO
Renda	A população têm uma renda elevada para que não passem necessidades
Educação	Acesso à educação, e o número de anos mínimo para completar o ensinamento
Saúde	Acesso à saúde moderna, e a expectativa de vida da população
Industrialização	Uma nação industrializada é um país com um grande setor manufatureiro

Economia de Serviço	Economia de serviço é o output dos serviços do país, por exemplo, turismo, restaurantes, serviços de empresas etc.
Conhecimento Econômico	Conhecimento econômico são processos, procedimentos, métodos, projetos, formulação, publicidade e software. Esse conhecimento é oferecido a sua população para que eles podem atuar e se estabelecer no mercado
Infraestrutura	A infraestrutura torna o país em uma nação mais produtiva, eficiente, segura, estável, e atraente a investimento externo.
Qualidade de Vida	Qualidade de vida é um aspecto importante, pois em uma disputa global para atrair talentos o país que obtém a maior qualidade de vida vai se destacar
Estabilidade	Um país que dispõe estabilidade social, política e econômica para sua população produz um sentimento que vive em um lugar seguro.

Fonte: *9 Characteristics of a developed country* (2018), elaboração própria.

Um exemplo de país desenvolvido é a Alemanha, que fornece alta qualidade de vida para seus residentes e representa a quinta maior economia do mundo, depois dos Estados Unidos, China, Japão e Índia. Como a economia está fortemente concentrada na exportação de grandes quantidades de máquinas, veículos, produtos químicos e utensílios domésticos, o país obtém uma mão de obra altamente qualificada (CARPENTER; DUNUNG, 2012).

A Alemanha é o maior e mais forte país no que se relaciona à economia da Europa, e o segundo país mais populoso do continente, ficando apenas atrás da Rússia.

O país é lar de algumas das empresas e indústrias mais importantes do mundo, como por exemplo: Daimler, Volkswagen e BMW. A Alemanha continua sendo o quarto maior fabricante de automóveis, depois da China, Japão e Estados Unidos. As alemãs BASF, Hearst e Bayer são gigantes na indústria química. A Siemens, também de origem alemã, é líder na indústria global de eletrônicos e a maior empregadora do país, e a Bertelsmann é o maior grupo

editorial do mundo. No setor bancário, o Deutsche Bank perfaz um dos maiores bancos já existentes.

Além desses gigantes internacionais, a Alemanha também possui inúmeras pequenas e médias empresas altamente especializadas, as quais empresas representam uma parcela grande nas exportações alemãs.

Apesar da força da indústria de serviços, a manufatura ainda é uma das fontes mais importantes da economia alemã. A principal indústria de manufatura da Alemanha é uma das maiores e mais avançadas produtoras mundiais de aço, carvão, cimento, maquinários, produtos químicos, veículos, eletrônicos, alimentos e bebidas (CARPENTER; DUNUNG, 2012).

### 2.3 PAÍS EMERGENTE

No que tange à história contemporânea, o conceito de desenvolvimento tem sido usado sob duas vertentes diferentes. A primeira diz respeito ao desenvolvimento do sistema social de produção, posto que se torna mais efetivo com o acúmulo e o avanço da tecnologia que, portanto, aumenta a produtividade de toda a força de trabalho. O objeto do segundo conceito de desenvolvimento está relacionado ao grau de satisfação das necessidades humanas. Devido os valores da sociedade material, a desigualdade da condição de vida, e o atraso acumulado, formou uma consciência do subdesenvolvimento (FURTADO, 2000).

No período pós Segunda Guerra Mundial, a reflexão sobre o desenvolvimento ocorreu, principalmente, para despertar a compreensão das pessoas sobre o atraso econômico do qual a maioria dos humanos dependem para sobreviver.

Nos dizeres de Furtado, a evolução do sistema de produção não reflete totalmente o nível de acumulação, mas assume a forma de um processo de adaptação. A industrialização atrasada em países que entraram no sistema econômico mundial por meio da modernização está competindo com as

importações e exportações de países avançados, não com as atividades manuais anteriores.

Carpenter e Dunung (2012), defende que países emergentes não possuem indústrias desenvolvidas e competitivas, pelo contrário, a economia geralmente depende fortemente de uma ou mais indústrias que geralmente estão relacionadas a commodities, como petróleo, mineração ou agricultura.

Luiz Carlos Bresser Pereira apresenta em sua obra “A Teoria Econômica e os Países Subdesenvolvidos” (1967) três componentes e os motivos pelos quais os países não se desenvolvem, estagnando na categoria de país em desenvolvimento:

Componentes	Exemplos
Naturais	Terra seca, solo pobre, climas inadequados, dificuldades naturais de transportes, e entre outros.
Econômicas	poupança reduzida, baixa capacidade de investimento, relações comerciais internacionais desfavoráveis, sistema educacional inadequado e insuficiente, mão de obra desqualificada, pesquisa de recursos naturais incompleta, distribuição desequilibrada de terra e da renda, poucas oportunidades de investimentos lucrativos, etc.
Institucionais	Colonialismo, estrutura social rígida, latifundiários que não estão interessados no desenvolvimento, autocráticos tecnológicos que estão fora de contato com a realidade, crenças que impedem o desenvolvimento, baixo espírito de empreendedorismo, etc.

Fonte: A Teoria Econômica e os Países Subdesenvolvidos (1967), elaboração própria.

A maioria dos países subdesenvolvidos consistem em países que eram colônias de países da Europa Ocidental, como da Grã-Bretanha, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Portugal e Espanha. A estrutura econômica desses países e suas instituições educacionais e sociais são geralmente formuladas de acordo com os modelos econômicos de seus antigos governantes coloniais. Um

país que acabou de ganhar independência, como vários países da África, se preocupa cada vez mais em consolidar e desenvolver sua própria estrutura econômica e política nacional, no lugar de apenas promover um rápido desenvolvimento econômico.

As potências coloniais europeias tiveram um impacto dramático e duradouro nas estruturas econômicas, políticas e institucionais das colônias, introduzindo três aspectos poderosos que limitaram qualquer tipo de desenvolvimento: propriedade privada, tributação pessoal e a demanda que os impostos sejam pagos com dinheiro e não com bens.

Como foi revelado ao longo da história, essas três ideias enfraquecem a autonomia das comunidades locais e expõem seu povo a novas formas de exploração (WEST, 2002).

Por conta da colonização e o desenvolvimento industrial atrasados, muitos países ficaram para trás na questão econômica, tecnológica e social. Majaski (2020), explica termos como “países emergentes” e “países subdesenvolvidos” são frequentemente usados para se referir a países que não têm o mesmo nível de segurança econômica, industrialização e crescimento que os países desenvolvidos.

Qualquer retrato da estrutura dos países emergentes requer um exame de sete componentes críticos:

Componentes	Definição
O tamanho do país envolvendo a área geográfica, população e renda	O tamanho de um país, da população e o nível da RNB per capita são determinantes importantes de seu potencial econômico, mas não há uma relação entre o tamanho de um país, seu nível de RNB per capita e o grau de igualdade ou desigualdade na distribuição de renda.
Seus antecedentes históricos	Como já tinha explicado anteriormente muitos desses países eram colonizados e teve uma industrialização atrasada

Recursos físicos e humanos	O potencial de crescimento econômico de um país é afetado pela quantidade de seus recursos naturais, como terras, minerais e outras matérias-primas, assim também pelos seus recursos humanos, que são compostos pelo número de pessoas e o nível de qualificação.
Setores público e privado	O setor privado pertencente a grandes investidores estrangeiros muitas vezes traz oportunidades econômicas e políticas. Em uma economia dominada pelo setor público, projetos de investimento direto do governo e programas de construção rural em larga escala terão prioridade, enquanto em uma economia voltada para o setor privado, incentivos fiscais especiais destinados a induzir as empresas privadas a contratar mais trabalhadores são mais comuns.
Estrutura industrial	De uma perspectiva econômica, social e cultural, a grande maioria dos países em desenvolvimento são agrícolas. A estratégia de desenvolvimento de cada país pode ser diferente, dependendo da natureza, estrutura e grau de interdependência entre seus setores industriais primário, secundário e terciário. A indústria primária inclui agricultura, silvicultura e pesca. A segunda, é principalmente manufatura, indústria. A terciária; comércio, finanças, transporte e serviços.
Seu grau de dependência de forças políticas e econômicas externas	O grau de dependência de um país do poder econômico, social e político estrangeiro está relacionado ao tamanho, recursos e à história política de seu país. A maioria dos países pequenos é altamente dependente do comércio exterior com países desenvolvidos. A capacidade de um país de planejar seu próprio destino econômico e social depende em grande parte de sua dependência dessas e de outras forças externas.
A distribuição de poder e a estrutura institucional	A estrutura política é dominante de um pequeno grupo de elite e seus interesses. A maioria dos países em desenvolvimento é direta ou indiretamente governada por elites menores e poderosas do que os países desenvolvidos. Por conta disso sem uma mudança na sociedade, nos sistemas políticos e econômicos de um país, o desenvolvimento econômico e social é muitas vezes impossível.

Fonte: *Diverse Structures and Common Characteristics of Developing Nations* (2002), elaboração própria.



Essas estruturas são encontradas em países subdesenvolvidos, e como pode ser notado pelo que foi apresentado, esse atraso em questão econômica, industrial, tecnológica e social se dá em função do colonialismo e justifica a grande dependência dos países emergentes no mercado externo, especialmente a dependência de países desenvolvidos.

Sob a ótica de uma visão interna, o grande problema está nos pequenos grupos de elites que controlam e manipulam o Estado de acordo com seus próprios interesses. West (2002), diz que a maioria dos países em desenvolvimento é direta ou indiretamente governada por elites pequenas e poderosas. Por exemplo, os militares, as indústrias e os grandes proprietários da América Latina; os políticos e funcionários públicos de alto nível na África; os proprietários, agiotes e indústrias ricas da Ásia; e os Sheik do petróleo do Oriente Médio.

Assim como os países desenvolvidos, os países emergentes também têm suas próprias características específicas que são encontradas, se não em todas, na maioria dos países que buscam ser classificados como desenvolvidos. Por exemplo, alguns aspectos comuns de países subdesenvolvidos são: países colonizados e explorados; baixo nível de industrialização; dependência econômica e social a países desenvolvidas; baixo nível tecnológico e científico; rede de transporte e meios de comunicação deficientes; população empregada principalmente nos setores primários ou no setor terciário; cidades com a expansão muito rápido sendo cercada por bairros pobres; baixo nível de vida da maioria da população; elevada taxa de natalidade e mortalidade infantil; expectativa de vida baixa (WEST, 2002).

Tais características em comum nos países em desenvolvimento nos permitem vê-los em uma estrutura amplamente semelhante. Esses pontos possuem maior relevância, em alguns casos são usados como indicadores para determinar se o país de fato é ou não subdesenvolvido. De tal maneira, cabe classificar tais atributos em 11 categorias amplas:

Características	Definições
-----------------	------------

Baixos níveis de vida	Nos países em desenvolvimento, o padrão geral de vida costuma ser muito baixo. Os quais se manifestam com a baixa renda, moradia insuficiente, saúde precária, pouca ou nenhuma educação, alta mortalidade infantil, baixa expectativa de vida e expectativas de trabalho, e desconforto que gera um sentimento de mal-estar e desespero para população.
Baixa renda	RNB per capita é frequentemente considerado um bom índice para definir a renda da população, usado pelo Banco Mundial, cuja renda per capita inferior a \$12.375 USD se classifica como um país em desenvolvimento.
Alto índice de pobreza	O grau de pobreza em qualquer país depende de dois fatores: o nível médio da renda nacional e o grau de desigualdade em sua distribuição. Devido aos baixos níveis de renda, as pessoas não podem atender às necessidades básicas de alimentos, roupas e abrigo. Assim, quanto mais desigual for a distribuição de renda, maior vai ser a incidência de pobreza. Todos os países apresentam certo grau de desigualdade de renda, no entanto, a diferença entre ricos e pobres nos países subdesenvolvidos é geralmente maior do que nos países desenvolvidos.
Saúde	A saúde é um fator importante para determinar a eficiência ou produtividade da população. Muitas pessoas em países subdesenvolvidos estão lutando contra desnutrição, doenças e problemas de saúde. Pessoas desnutridas frequentemente sofrem de doenças e, portanto, não podem contribuir muito para a produtividade. A saúde de um país é determinada por muitos dados, alguns deles são: a mortalidade infantil, desnutrição, acesso a serviços de saúde, e acesso à água potável.
Educação	A educação é aspecto importante para desenvolver mão de obra qualificada e especializada, além de combater os problemas sociais. Países em desenvolvimento em termos de educação, normalmente têm um nível de alfabetização baixa, a taxa de abandono é alta, e os institutos educacionais são inadequados.
Baixos níveis de produtividade	A produtividade do trabalho nos países em desenvolvimento é baixa. Para que o nível de produção seja alto são necessários certos fatores, como gerenciamento competente, dinâmica do trabalhador e a flexibilidade institucional. Países emergentes não são capazes de melhorar esses aspectos por conta

	<p>dos seus níveis de educação, saúde e desigualdade. Assim, cria um círculo onde o nível de produtividade não melhora por conta do baixo nível de vida, e o baixo nível de vida não melhora por conta do baixo nível de produtividade.</p>
<p>Altas taxas de crescimento populacional e dependentes econômicos</p>	<p>O problema do crescimento populacional é que ele despreza todas as tentativas de desenvolvimento, pois o crescimento populacional anula a maior parte do crescimento da produção. Os idosos e as crianças são considerados como dependentes econômicos porque são membros não produtivos da sociedade e devem ser sustentados financeiramente pela força de trabalho de um país, que geralmente é definida como cidadãos entre 15 e 64 anos.</p>
<p>Níveis elevados e crescentes de desemprego</p>	<p>O desemprego nas áreas rurais e urbanas são normalmente elevadas e contribui para o baixo nível de vida. A população rural muitas vezes migra para as cidades em busca de empregos onde não existem muitas oportunidades. Essa parte do desemprego urbano é um efeito do desemprego no campo. Na área urbana os mercados para os fabricantes são muito pequenos devido à pobreza generalizada. Diante dos problemas de falta de demanda, as indústrias crescem lentamente e deixam de gerar empregos em número suficiente para absorver a população crescente.</p>
<p>Dependência da produção agrícola</p>	<p>A razão fundamental pela qual a população e a produção estão concentradas na agricultura e em outras atividades de produção primária nos países em desenvolvimento é o simples fato: em níveis de baixa renda, a prioridade máxima de qualquer pessoa é comida, roupa e abrigo. Nesses países, a agricultura e atividades relacionadas geralmente respondem por 30% a 80% da força de trabalho. Isso é verdade para a maioria dos países Asiáticos e Africanos. No entanto, na América Latina, a proporção da mão de obra agrícola caiu para 20%.</p>
<p>Dependência das exportações de produtos primários</p>	<p>A maioria das economias dos países emergentes é voltada para a produção de produtos primários, como agricultura, combustível, silvicultura e matérias primas. Os países em desenvolvimento dependem excessivamente do comércio exterior, no sentido de que suas propriedades de exportação e importação para o produto interno são muito superiores às dos países desenvolvidos. O desenvolvimento inadequado do sistema de transporte, a organização do comércio e o atraso da tecnologia de produção são alguns dos fatores que tornaram impossíveis</p>

	as grandes exportações e importações.
Domínio, dependência e vulnerabilidade nas relações internacionais	As nações desenvolvidas têm o poder dominante de controlar o padrão do comércio internacional, mas também costumam ditar os termos pelos quais a tecnologia, ajuda externa e o capital privado são transferidos para os países em desenvolvimento. Países desenvolvidos também afetam os emergentes como a transferência de valores como o estilo de vida da elite, atitudes gerais em relação à acumulação privada de riqueza, instituições, escalas salariais, e padrões sociais.

Fonte: *Diverse Structures and Common Characteristics of Developing Nations* (2002), elaboração própria.

O subdesenvolvimento deve ser visto em uma escala nacional e internacional. O baixo índice de vida, pobreza, baixa produtividade, crescimento populacional, desemprego, dependência de exportações de produtos primários e fragilidade internacional têm raízes em questões domésticas e globais e podem ser resolvidos.

À vista disso, tem-se que as forças econômicas e sociais internas e externas são verdadeiras responsáveis pela pobreza, desigualdade e baixa produtividade que caracteriza a maioria dos países emergentes. A busca do desenvolvimento econômico e social positivo requer não apenas a formulação de estratégias apropriadas para os países em desenvolvimento, mas também necessita da modificação da atual ordem econômica internacional para torná-la mais atenciosa às necessidades de desenvolvimento dos países subdesenvolvidos.

Um exemplo de país emergente que abrange a maioria das estruturas e características apresentadas acima é o Brasil. O Brasil não é um país desenvolvido, embora tenha várias características positivas, incluindo a maior economia da América Latina. Ainda é considerado um país emergente, devido ao seu baixo PIB per capita, baixo padrão de vida e alta taxa de mortalidade infantil.

O Brasil continua sendo o maior mercado da América Latina, o quinto maior país do mundo, o sétimo país mais populoso e a décima segunda maior

economia do mundo em termos do PIB em 2020. Nos últimos anos, as políticas deflacionárias do governo e os programas de apoio à renda para as famílias mais pobres reduziram nitidamente a taxa de pobreza e a desigualdade de renda. No entanto, a pobreza continua sendo um grande desafio a ser solucionado no Brasil.

A alta taxa de natalidade e mortalidade no Brasil são características de países em desenvolvimento. Existem muitas razões que justificam esse ponto, incluindo a falta de acesso à água potável, cuidados de saúde inadequados, especialmente nas áreas rurais, mas condições de habitação em muitas áreas, e dietas insuficientes. A expectativa de vida dos brasileiros de 74 anos é maior do que a maioria dos países em desenvolvimento, mas continua sendo abaixo do nível médio de 80 anos, como nos países desenvolvidos. A falta de serviços de saúde de qualidade impede que muitos cidadãos cheguem na terceira idade, se comparada aos países desenvolvidos onde têm-se uma infraestrutura melhor para apoiar a saúde de seus cidadãos (BOYLE, 2021).

A história econômica do Brasil continua evoluindo e cada época é marcada por um item focal de exportação. Logo após a chegada dos primeiros europeus, a madeira tornou-se uma commodity muito importante. Nos séculos XVI e XVII, era o açúcar. Já o século XVIII, foi marcado pela febre de pedras preciosas, como ouro e prata. Finalmente, no século XIX, a industrialização chegou ao Brasil, momento em que a borracha passou a ser o foco de exportação. No século XX, o café dominou. Durante esses períodos, a agropecuária também foi economicamente importante, mas era focada principalmente no mercado interno do país (CARPENTER; DUNUNG, 2012).

Atualmente, como expõe a Agência Central de Inteligência (CIA) do EUA (2011) em seu livro *“The World Factbook”*, o Brasil tem uma grande e bem desenvolvida indústria voltada à agricultura, mineração, manufatura e setores de serviços. Sua economia supera todos os outros países da América do Sul, e está expandindo sua influência no mercado internacional.

Silver (2020) ressalta que a economia diversificada do Brasil contém muitas indústrias importantes, como a produção de aeronaves, automóveis,

mineração e fontes de energia. O Brasil também possui um grande setor agrícola, o que o torna um importante exportador de café, soja e carne.

O Brasil possui muitas empresas multinacionais. A Embraer fabrica pequenos aviões e jatos inovadores e se tornou a maior fabricante mundial de pequenos aviões. As processadoras de alimentos brasileiras, Sadia e Perdigão, demonstram o espírito empreendedor internacional do Brasil moderno. O país possui abundantes recursos para a produção de suínos, bovinos, aves e grãos e suas condições ideais de crescimento proporcionam muitas vantagens a essas empresas. Tanto a Sadia quanto a Perdigão possui sistemas de distribuição global de classe mundial e gestão da cadeia de suprimentos para as categorias de alimentos congelados, grãos e produtos prontos para consumo (CARPENTER; DUNUNG, 2012).

#### 2.4 PAÍSES DESENVOLVIDOS, EMERGENTES E MEGAEVENTOS

Superados os conceitos e demais esclarecimentos acerca dos países desenvolvidos e emergentes, resta expor sua relação com os megaeventos.

Megaeventos são eventos de grande escala, são dramáticos e espetaculares, quem vêm ganhando reconhecimento internacional, além de obter uma influência importante na cidade ou país sede, e se beneficiam da grande cobertura e atenção da mídia internacional (HORNE; MANZENREITER, 2006).

Os fãs de megaeventos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, afirmam que esses eventos atraem milhares de turistas ricos e trazem benefícios econômicos duradouros para as regiões anfitriãs. Por isso, cidades e países competem vigorosamente pelo direito de sediar esses espetáculos.

Hall (1992) aponta que o papel dos megaeventos tem sido associado ao desenvolvimento econômico, à renovação urbana e aos impactos sociais positivos. Recentemente, os países em desenvolvimento estão disputando com mais ímpeto o direito de sediar esses eventos, para que possam compartilhar os benefícios econômicos e sociais desses jogos internacionais. A infraestrutura

especializada e as despesas operacionais necessárias para sediar esses eventos, no entanto, podem ser extremamente caras, e não está claro se os benefícios a longo ou curto prazo dos jogos são suficientes para cobrir tais custos.

Países desenvolvidos e emergentes buscam sediar esses megaeventos com a esperança de obter um retorno positivo econômico, social e político, pois os megaeventos podem trazer um aumento em investimento estrangeiro, melhoria na infraestrutura das cidades e aumentar o seu *Soft Power* no cenário internacional.

Griffen (2015), presume-se que os megaeventos esportivos em geral podem criar grandes benefícios econômicos permanentes, como atração de investidores internos e externos, criação de empregos e aumento do turismo.

A tabela abaixo apresenta o megaevento da FIFA, a Copa do Mundo, nos países que foram anfitriões, e suas classificações em desenvolvido e em desenvolvimento:

<b>Ano</b>	<b>País</b>	<b>Classificação</b>
1930	Uruguai	Em Desenvolvimento
1934	Itália	Desenvolvido
1938	França	Desenvolvido
1950	Brasil	Em Desenvolvimento
1954	Suíça	Desenvolvido
1958	Suécia	Desenvolvido
1962	Chile	Em Desenvolvimento
1966	Inglaterra	Desenvolvido
1970	México	Em Desenvolvimento

1974	Alemanha	Desenvolvido
1978	Argentina	Em Desenvolvimento
1982	Espanha	Desenvolvido
1986	México	Em Desenvolvimento
1990	Itália	Desenvolvido
1994	EUA	Desenvolvido
1998	França	Desenvolvido
2002	Coreia do Sul / Japão	Desenvolvido
2006	Alemanha	Desenvolvido
2010	África do Sul	Em Desenvolvimento
2014	Brasil	Em Desenvolvimento
2018	Rússia	Em Desenvolvimento
2022	Qatar	Em Desenvolvimento

Fonte: FIFA (2021); Nações Unidas “*Country Classification*” (2020), elaboração própria.

Assim como os Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo é realizada a cada quatro anos e conta com a seleção esportiva de cada país participante. A Copa do Mundo começou em 1930 em resposta à crescente importância do futebol nos Jogos Olímpicos.

Devido ao grande número de estádios necessários para acomodar os jogos, a FIFA escolhe o país sede do evento, o que vai contra a tradição do Comitê Olímpico Internacional em escolher uma cidade sede. Conforme demonstrado na tabela, nos primeiros 60 anos a Copa do Mundo alterna entre os dois centros do futebol, a Europa e a América Latina. Também pode ser notado que doze dos vinte e dois países sede são países desenvolvidos, e dez são países emergentes.



Economicamente, a atenção do mundo mudou os chamados países do G7 (as maiores economias industrializadas do mundo, como Estados Unidos, Canadá, Itália, França, Japão, Reino Unido e Alemanha) para os BRICS (abreviatura dos cinco países em rápido desenvolvimento) Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (MATHESON, 2013).

Na tentativa de expandir o interesse mundial, a FIFA concedeu a Copa do Mundo nos Estados Unidos, proporcionando um enorme mercado inexplorado para o esporte. O Japão e a Coreia do Sul em 2002, sediaram o primeiro torneio realizado em conjunto pelos dois países e a primeira Copa do Mundo realizada na Ásia. A África do Sul se tornou o primeiro anfitrião da África em 2010, a Rússia se tornou o primeiro anfitrião da Europa Oriental, em 2018, e o Catar se tornará o primeiro anfitrião do Oriente Médio, em 2022.

Tal qual a atenção do mundo em questões econômicas, a FIFA também mudou seu foco, saindo de países desenvolvidos e apresentando chances para os emergentes sediarem a Copa do Mundo.

No entanto, cabe uma análise melhor e aprofundada no que diz respeito ao impacto econômico, social, e político, em sediar megaeventos, especificamente a Copa do Mundo, e quais são as diferenças desses impactos quando ocorrem em países desenvolvidos e em países emergentes.

### **CAPÍTULO 3. OS LEGADOS DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL NA ALEMANHA (2006) E NO BRASIL (2014)**

Superadas as devidas abordagens teóricas-conceituais acerca dos megaeventos nas relações internacionais, no primeiro capítulo, e de países desenvolvidos e emergentes em ambiente de complexa interação, no Capítulo 2, cabe na terceira parte desta monografia: 1) analisar a Copa do Mundo de futebol organizada pela FIFA enquanto megaevento internacional, sob uma perspectiva histórica e evolutiva; 2) abordar os principais componentes e os requisitos exigidos para os países sediarem o evento e; 3) comparar e destacar os principais impactos socioeconômicos causados pelo megaevento na Alemanha, em 2006, e no Brasil, em 2014 como a infraestrutura e o dinheiro investido, a reação da população, o turismo, e a visibilidade global.

Por fim, são demonstrados, oportunamente, os legados deixados pela Copa do Mundo nestes dois países como legado da infraestrutura, econômico, imagem e turismo. A Copa do Mundo como megaevento pode trazer benefícios ao país sede, mas também pode impactar o país anfitrião de forma negativa, como se vê adiante no presente capítulo.

#### **3.1 FUTEBOL, COPA DO MUNDO DA FIFA E REQUISITOS PARA SEDIAR O MEGAEVENTO.**

Para melhor compreender o sucesso do Futebol em tempos atuais, e da FIFA diante do megaevento que é a Copa do Mundo, cumpre necessário fazer uma repescagem histórica sobre esses tópicos.

O futebol tem uma longa história, cuja aparição se deu na Inglaterra no século XIX, apesar de existirem diversas versões alternativas de que o jogo existia há muito mais tempo. O primeiro exemplo conhecido de jogos em equipe envolvendo bolas ocorreu na antiga cultura mesoamericana, há mais de três mil anos, em que os astecas chamavam de “*Tlachtli*” (BRITANNICA, 2017). O primeiro jogo de bola conhecido que envolviam chutes ocorreu na China, nos

séculos III e II A.C, com o nome de *Cuju*. Na Grécia e Roma antiga também existiram jogos de bola. Na Roma antiga, os jogos com bola não faziam parte das atividades de entretenimento nos grandes coliseus, mas eram realizados durante os exercícios militares e tinham o nome de *Harpastum*. Guttmann (2006), explica que existem relatos de que algum tipo de futebol foi jogado em todo o Império Romano. Ademais, especula-se que foi a cultura romana responsável por trazer o “futebol” para as Ilhas Britânicas.

Crocombe (2019) expõe que o futebol começou a se desenvolver na Inglaterra durante a Idade Média, por volta do século IX. Vilarejos praticavam várias formas do que hoje é chamado de “*Folk Football*”. Em alguns jogos, duas equipes grandes e bem parecidas com tumultos se enfrentavam, cujos extremos eram de um vilarejo até o outro, com ambas as equipes tentando colocar a bola no gol do adversário.

Desde o início do século XIX, com a industrialização e a urbanização do país, houve uma drástica redução de tempo e de espaço de lazer à disposição da classe trabalhadora, o que, conseqüentemente, levou a uma diminuição do *Folk Football*, por conta da violência e destruição que causava (ALEGI, 2021).

A fim de criar regras adequadas para o jogo, uma reunião foi realizada na Universidade de Cambridge em 1848, que resultou no estabelecimento das “Regras de Cambridge”. Mais tarde, os graduados da Universidade ajudaram a espalhar ainda mais tais regras, fundando diversos clubes de futebol.

Em 1863, clubes da área metropolitana de Londres e regiões vizinhas participaram de uma série de reuniões, os quais formularam as regras de futebol impressas e estabeleceram a *Football Association* (FA). Essas reuniões foram essenciais para a criação do futebol que se conhece nos dias atuais, como aponta a FIFA (2007). Com a fundação da Federação Inglesa de Futebol em 1863, o futebol moderno nasceu.

Outros países aceitaram rapidamente o entusiasmo britânico pelo futebol e, logo, mais ligas começaram a surgir em todo o mundo, tais como: Holanda e Dinamarca em 1889, Argentina em 1893, Chile em 1895, Suíça e Bélgica em 1895, Itália em 1898, Alemanha e Uruguai em 1900, Hungria em 1901, França em 1903 e Finlândia em 1907 (CROCOMBE, 2019).

A Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA), por sua vez, foi fundada em Paris, no ano de 1904, sendo composta por sete países-membros: Bélgica, Dinamarca, França, Alemanha, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça. Ao longo dos anos outros países se filiaram a FIFA e, na década de 1920, um grupo de dirigentes do futebol francês, liderado pelo inovador Jules Rimet – presidente da FIFA à época –, teve a ideia de reunir as seleções de futebol mais fortes do mundo para competir pelo título de campeão mundial (FIFA, 2021).

A FIFA é responsável pela organização do futebol internacional, com isso surgiu para si a obrigação de organizar a categoria de futebol nas Olimpíadas de 1920, 1924 e 1928. Depois do grande sucesso do futebol nos Jogos Olímpicos, o Uruguai demonstrou relevante interesse em sediar a primeira Copa do Mundo, Rimet ficou satisfeito com a proposta e aceitou o pedido (GEHRINGER, 2010).

A primeira Copa do Mundo, em 1930, foi composta por apenas treze países, sendo quatro deles europeus, dois norte-americanos e sete sul-americanos. O Uruguai se tornou o primeiro campeão da Copa do Mundo, derrotando a Argentina na fase final. O campeonato foi considerado um grande sucesso, e o esporte continuou a se popularizar em todo o mundo, então, ficou decidido que haveria uma Copa do Mundo a cada quatro anos (SANTOS 2015).

Atualmente, como apresenta Cabo (2008), a FIFA possui mais países-membros do que as próprias Nações Unidas, sendo composta por 208 membros no total. Além disso, é o instituto internacional responsável pelas associações de futsal, futebol de areia e outras modalidades de jogos, e conta com a Copa do Mundo Feminina e a Copa do Mundo para jovens (como o Copa do Mundo Sub-20 e Sub-17) (ARANTES, 2012).

Hoje a Copa do Mundo FIFA é um dos maiores eventos do mundo. A competição entre as melhores equipes do mundo mobiliza bilhões de pessoas de todos os continentes, culturas, raças e credos (Ministério das Relações Exteriores, 2011). Esse megaevento desperta a paixão nas pessoas e, simultaneamente, reduz as divergências entre essas. Embora os indivíduos venham de diferentes países, não há exceção: dentro dos 90 minutos de jogo, é estabelecido um vínculo comum, que permite que compartilhem das mesmas

emoções. Por isso, a FIFA exige certos pressupostos para os países que desejam receber esse fenômeno global.

Desde a década de 1990, a FIFA propõe a realização de revezamento entre as seis federações de futebol (Asiática; América do Norte, Central e Caribe; Africana; Europeia; Sul Americana; Oceânica.) para sediar a Copa do Mundo, assim, permitindo que se incluam todos, ensejando o revezamento entre as Américas e a Europa (DOVAL, 2011).

Os países que desejam sediar a Copa do Mundo devem cumprir uma série de requisitos da FIFA, sendo os pontos principais:

Requisitos	Definições
Garantias do Governo do País	Visto de trabalho para todos os estrangeiros envolvidos na Copa do Mundo; dispensa de taxas alfandegárias para todos os materiais relacionados ao evento; transferência gratuita de moeda; segurança; infraestrutura adequada de transporte e telecomunicações.
Infraestrutura Esportiva	A FIFA requer 12 estádios, cada um com capacidade mínima de 40.000 a 80.000. Além disso, cada equipe precisa ter seu próprio local de treinamento no acampamento base e um local de treinamento em cada estádio.
Comercialização do Evento	Os países candidatos devem reconhecer o uso comercial da FIFA dos direitos exclusivos dos direitos de publicidade, marketing, licenciamento e transmissão da Copa do Mundo. A FIFA transfere parte dos direitos ao comitê organizador
Alojamentos	A FIFA exige 72 hotéis de acampamento base para equipes e árbitros, bem como 4 hotéis por local de estádio. Para os espectadores, são necessários 1.760 - 8.080 quartos de hotel em cada cidade-sede, dependendo da partida que acontecerá.
Transporte	A FIFA exige que cada estádio tenha um aeroporto próximo, e cada aeroporto deve ter uma capacidade mínima de 1.450 passageiros por hora. O comitê organizador deve fornecer: um ônibus, um micro-ônibus e dois carros pequenos para cada seleção; dois ônibus e mais

	de 200 carros para a delegação da FIFA; um ônibus, e dois micro-ônibus para os árbitros; e ônibus para a imprensa.
Venda de Ingressos	O comitê organizador deve determinar o preço dos ingressos e esse valor tem que ser aprovado pela FIFA. Todos as cadeiras devem ser numerados e alguns devem ser reservados para a FIFA e o gerente de cada equipe
Finanças	A FIFA não se inclui na reforma ou construção da infraestrutura, isso é responsabilidade da do país sede e dos governos locais. O país sede tem o direito de obter uma porcentagem do lucro final da Copa do Mundo.

Fonte: Arantes (2012); FIFA: *Guide to the bidding Process for the 2026 Fifa World Cup* (2018), elaboração própria.

Obter o direito de sediar a Copa do Mundo é uma grande honra que vários países buscam ter, entretanto, ser anfitrião deste megaevento tem suas desvantagens.

Conforme se vê pela lista de requisitos, a Copa do Mundo é um evento significativamente caro, e que não conta com nenhuma garantia concreta de retorno financeiro. Qualquer país que sedie esse evento deve atender a rígidos requisitos de infraestrutura, incluindo outros diversos padrões definidos pela FIFA. Esses requisitos incluem padrões para estádios, hotéis, aeroportos, transporte, comunicações, redes elétricas, e disponibilidade de internet. Tais exigências são importantes, pois grande parte do processo seletivo pode ser atribuído à infraestrutura que visa verificar se o país que pretende sediar o evento já obtém ou demonstra planos para construção de uma infraestrutura adequada para garantir o cumprimento dos padrões (FIFA, 2018).

### 3.2 IMPACTOS DA COPA DO MUNDO PARA ALEMANHA (2006) E BRASIL (2014)

Sabe-se que a Copa do Mundo é um evento esportivo de grande vulto, e que consiste em um dos maiores eventos do mundo, por isso, exige-se uma grande organização (BARBOSA; VIANA; SAMPAIO, 2018). A realização desse evento não é apenas parte de uma ampla estratégia para melhorar a imagem internacional do país anfitrião ou para atrair turistas (BIANCHINI; SCHWENGEL, 1991). Sedar a Copa do Mundo ocasiona importante função no cenário global que é hábil a atrair capital e investimento, grandes fluxos de turistas, o crescimento e desenvolvimento econômico, e também envolve projetos com financiamento público que são implementados para melhoria da infraestrutura, como a construção e reforma de estádios, estradas, aeroportos e muitos mais.

Os resultados em sediar a Copa do Mundo podem ser positivos ou negativos para o país anfitrião, pois existem vários aspectos que o afetam, como por exemplo, a infraestrutura e o dinheiro investido, a reação da população, o turismo e a visibilidade global.

Neste tópico serão expostos esses e demais impactos que acompanham o megaevento, a partir de uma observação face à Copa do Mundo na Alemanha em 2006 e, em seguida, à Copa do Mundo no Brasil em 2014.

### 3.2.1 PRINCIPAIS IMPACTOS DA COPA DO MUNDO PARA A ALEMANHA (2006).

Em 1999, a Federação Alemã de Futebol (DFB) se candidatou formalmente à FIFA para sediar a Copa do Mundo de 2006. Em 2000, a FIFA anunciou efetivamente que a Alemanha sediará a Copa do Mundo de 2006, após uma virada polêmica, que chocou os favoritos da África do Sul na rodada final da votação (INGLE, 2000).

Para sediar o evento, a Alemanha teve que cumprir um dos maiores requisitos feitos pela FIFA, que é a infraestrutura. O país construiu apenas um estádio em Munique, o Allianz Arena, os outros 11 estádios já existiam e foram somente reformados. A construção, reconstrução e ampliação do estádio custou cerca de \$1.9 bilhões USD, mais de 60% dos gastos com os 12 estádios foram

financiados pelos clubes locais de futebol, além de contarem com outros investidores privados (MAENNIG; PLESSIS, 2007).

Os clubes alemães estavam dispostos a investir em estádios em razão do resultado de melhoria e renovação, que significar maior conforto, melhor visibilidade, e que geralmente leva a um aumento significativo no número de espectadores. O fato de os estádios pertencerem a clubes estabelecidos em áreas densamente povoadas e de longa tradição, atrai um grande público, fazendo pleno uso dos novos estádios (MAENNIG, 2013).

Além dos \$1,9 bilhão USD investidos em estádios, cerca de \$2,7 bilhões USD foram gastos em infraestrutura diversa na Alemanha, como linhas férreas, aeroportos e principais rodovias do país (MAENNIG; PLESSIS, 2007).

A Alemanha ocupa uma pequena área territorial, a distância entre as cidades é curta e a infraestrutura rodoviária é densa e de alta qualidade (BÜTTNER; MAENNIG; MESSNER, 2007), portanto, com o investimento, o transporte terrestre obteve uma melhora nítida.

No transporte aéreo, dez das doze cidades que sediariam os jogos, possuíam aeroportos que conectam redes ferroviárias, metroviárias e de ônibus. O transporte ferroviário, o tempo de viagem de uma cidade a outra foi encurtado e seis estações foram renovadas.

O Ministério Federal do Interior da Alemanha (BMI) (2004 Apud Büttner; Maennig; Messner, 2007) afirmou que a infraestrutura de transporte na Alemanha é fundamentalmente capaz de lidar com um grande evento internacional, como a Copa do Mundo, o país possui uma extensa rede rodoviária, ferroviária e de aeroportos. Outrossim, trens de alta velocidade e rodovias conectam todas as partes do país com as doze cidades-sede da Copa do Mundo.

Como a Alemanha já possuía um sistema de transporte agradável, grande parte dos projetos realizados para a Copa do Mundo objetivou a modernização e adequação da infraestrutura existente. A maior parte do investimento nesses recursos foi paga pelo governo federal para melhorar rodovias e sistemas de informação, como a instalação de um sistema de direção



de estacionamento e direcionamento de pedestres desde os estacionamentos até o estádio; construção de sistema de direção das paradas de transporte público relevantes para o estádio e vice-versa; sistema de direção de transporte público municipal bilíngue (alemão e inglês); plataforma de internet, etc. (BÜTTNER; MAENNIG; MESSNER, 2007).

Outro impacto que a Copa do Mundo trouxe para a Alemanha se deu no fator social, como a imagem do país, a reação da população, turismo e visibilidade internacional. Mathieson e Wall (1982) referem-se ao impacto social como mudanças na qualidade de vida dos residentes em destinos turísticos. Esse aspecto social foi um dos principais motivos que levaram a Alemanha a sediar o megaevento, o que justifica o *slogan* da Copa do Mundo de 2006, qual seja: “Um tempo para fazer amigos” (FIFA, 2006).

Getz (2005) identificou os possíveis impactos sociais negativos do evento, como por exemplo, aumento do uso de drogas e entorpecentes, aumento da criminalidade e prostituição, vandalismo e agressões, deslocamento de moradores e perda de moradias. Por outro lado, quanto aos impactos positivos, a ideia de um evento como influenciador pode melhorar a identidade regional, aumentar o orgulho da comunidade e tornar os indivíduos mais envolvidos nas atividades sociais (HALL, 1992).

A Copa do Mundo fortaleceu o senso de comunidade e melhorou o relacionamento entre pessoas de diferentes origens étnicas. Como aponta Hall (1992), o compartilhamento coletivo da experiência do megaevento teve um impacto social positivo. Em relação à renovação urbana e seus benefícios para o bem estar social dos moradores locais, grande parte da população acredita que a Copa do Mundo teve um impacto na melhoria da infraestrutura local cujo aspecto contribui diretamente para o resultado positivo (HALL, 2004).

As opiniões dos residentes sobre a Copa do Mundo são em grande parte positivas, mas ainda existia o problema da imagem alemã no cenário internacional, que era de um país nada simpático, que contava com pouca hospitalidade, beleza, cultura ou diversão (MAENNIG, 2007). Um dos objetivos em sediar a Copa do Mundo FIFA de 2006, foi de reposicionar e findar o estereótipo alemão de convencional e sério. A Copa do Mundo auxiliou na

reconstrução da imagem dos alemães, moldando uma visão positiva sobre o país. Conforme apresenta Sturgess e Brady (2006), quem passou algum tempo na Alemanha durante a Copa do Mundo não poderia negar o sentimento de bem estar que pairava em todo o país.

O Conselho Nacional de Turismo da Alemanha (CNTA) apresentou o conceito de hospitalidade em nome do governo alemão, incluindo: serviços de resort do governo, marketing regional alemão, programas culturais e campanhas de serviço e amizade. Esses movimentos ajudaram a melhorar a aparência da Alemanha e que começou a ser vista como um país aberto e hospitaleiro. Por conta desses movimentos, o efeito de bem estar elevou a experiência, o lazer, a interação social e o aumento do orgulho nacional (HEYNE, 2006). Os resultados de uma pesquisa feita pelo CNTA, sobre a imagem da Alemanha, vista por estrangeiros como um país aberto ao mundo e hospitaleiro, mostra que vários turistas mudaram suas perspectivas sobre o país, por exemplo, nestes termos, a imagem da Alemanha no Brasil evoluiu em 20% (CNTA, 2006).

A finalidade principal era quebrar os estereótipos ultrapassados de que a Alemanha consistia em um país composto por pessoas antipáticas e mal humoradas, ao mesmo tempo que buscava-se manter a imagem de um país confiável e fornecedor de produtos de alta qualidade.

A Copa do Mundo FIFA de 2006 foi um momento importante na história da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria, capaz de alterar a maneira de como os alemães pensam sobre si mesmos (PAULINO, 2015).

A previsão para a Copa do Mundo de 2006 na Alemanha foi de que seriam atraídos por volta de um milhão de turistas, porém, depois do evento foi registrado o dobro do previsto, perfazendo em dois milhões de turistas (BRADY; STURGESS, 2006). A Alemanha obteve grande sucesso ao sediar a Copa do Mundo da FIFA, em termos de imagem geral e atratividade do país como destino turístico.

Em junho de 2006, o número de turistas na Alemanha aumentou aproximadamente 1,6 milhão em comparação com o mesmo mês do ano anterior. Segundo dados do CNTA (2006; 2012), o número de turistas

estrangeiros na Alemanha aumentou 9% nos primeiros oito meses de 2006, sendo o Reino Unido foi a principal fonte emissora, com um acréscimo de quase 300 mil visitantes, enquanto os Estados Unidos ocuparam o segundo lugar, com 200 mil turistas. 73% de todos os visitantes viajaram especificamente para a Copa do Mundo.

A Copa do Mundo trouxe diversos pontos vantajosos além dos turistas, como pode ser visto por exemplo na audiência global. Em 2006, durante a Copa do Mundo, mais de 3 milhões de torcedores visitaram os estádios, enquanto o público acumulado alcançou 3 bilhões de espectadores em 214 países, nessa ocasião, o megaevento foi transmitido por 376 canais de televisão (CASTILHO, 2017).

### 3.2.2 PRINCIPAIS IMPACTOS QUE A COPA DO MUNDO TROUXE PARA O BRASIL EM 2014.

Em 2003, a FIFA anunciou que a Copa do Mundo de 2014 aconteceria na América do Sul. A Federação CONMEBOL (Federação Sul-Americana de Futebol) anunciou o Brasil como o único candidato capaz de sediar o megaevento, com isso, o Brasil apresentou sua candidatura formal em julho de 2007.

A escolha do Brasil foi clara por vários motivos, além da importância social do esporte para todo o país e do reconhecimento mundial com cinco títulos de Copas do Mundo, o Brasil acabara de ter um de seus maiores crescimentos econômicos. Como único candidato, foi eleito o país sede da Copa do Mundo de 2014 em outubro de 2007 (CASTILHO, 2017).

Em termos de infraestrutura, o Brasil contou com 12 estádios utilizados durante a Copa do Mundo, dos quais 7 foram construídos e 5 foram reformados. Para essas construções e reformas, quase todos os recursos utilizados foram públicos, sendo investidos cerca de R\$8 bilhões de reais. Apenas dois estádios tiveram assistência de investimento privado (CRESPO, 2014).

Com a construção dos estádios surgiram diversas polêmicas e discussões, uma delas era de que muitos estádios seriam inutilizados depois do megaevento, mesmo que contassem com a presença de shows e outros eventos, esses estádios dificilmente seriam capazes de atrair o número de pessoas necessário para garantir sua sustentabilidade. Pelo menos sete dos doze estádios enfrentaram a dificuldade de autossuficiência, isso porque eles estão localizados em cidades sem a tradição do esporte cuja popularidade do clube é baixa, resultando em um número insuficiente de espectadores no estádio (STEWART, 2014).

Quanto aos outros aspectos de infraestrutura no Brasil, o modelo rodoviário é dominante, sendo que mais de 60% das estradas estavam em más condições (CNT, 2017). Eduardo Nobre (2017) apresentou que nos últimos anos, o número de passageiros aéreos aumentou significativamente, o que ocasionou em aeroportos sobrecarregados. Por outro lado, os portos e ferrovias do Brasil, são usados principalmente para o transporte de cargas. O transporte ferroviário é privatizado, e obtiveram importante desempenho e demonstraram melhoria antes mesmo do evento.

Os projetos de transporte planejados para a Copa do Mundo no Brasil incluíram diferentes construções de infraestrutura. O Ministério de Esportes listou os investimentos previstos em portos e aeroportos e transporte urbano, como avenidas, estradas urbanas, acessos a aeroportos e urbanização em torno de estádios, mas não se preocupou em investir na rodovia.

Cerca de R\$16 bilhões de reais foram investidos em sistemas de transportes (CRESPO, 2014). O investimento mais importante foi para transporte urbano, seguido por aeroportos e, finalmente, portos. No caso do transporte urbano, aeroportos e portos, o modelo de financiamento foi amparado por recursos públicos. Em termos de aeroportos, a maioria das cidades sede construíram e ampliaram terminais de passageiros (NOBRE, 2017). Quanto aos portos, o investimento foi pouco significativo, e cidades como Rio de Janeiro e São Paulo foram os locais que mais se beneficiaram. Por fim, relativamente ao transporte urbano, cumpre ressaltar que as cidades de São Paulo, Recife e Manaus receberam os maiores investimentos para melhorias e renovações.

O impacto social que a Copa do Mundo trouxe para o Brasil concentrou-se em um resultado negativo, opostos aos efeitos trazidos para a Alemanha em 2006. No início, a reação da população do país foi positiva diante da oportunidade de sediar a Copa do Mundo. Foi dito ao povo brasileiro que todo o dinheiro a ser gasto no estádio seria proveniente de recursos privados, enquanto os recursos públicos seriam usados para obras de infraestrutura realmente necessárias. A princípio essa informação pareceu ser bastante suspeita, especialmente no que concerne a quatro estádios que pareciam ter uma capacidade de sobrevivência pós-evento duvidosa, e afinal quase todos os recursos gastos nos estádios foram recursos públicos (ATKINS, 2013).

Em 2013, o Brasil foi palco de diversas manifestações e protestos, milhares de brasileiros foram às ruas por diversos motivos, as principais razões se deram graças ao aumento da passagem de ônibus, corrupção, infraestrutura inadequada, e políticas envolvendo a Copa do Mundo (RIBEIRO, 2014; WATTS, 2014). Além dos protestos, um dos principais direitos humanos estava sendo violado pelas cidades que sediariam a Copa, aproximadamente 250 mil pessoas em todo o Brasil passaram pelo processo de realocação ou foram retiradas à força pelas autoridades por conta de obras relacionadas à Copa do Mundo nestas regiões (CAMPAGNAN; COSENTINO; MARINHO, 2014), com isso, os protestos chegaram ao clímax, com quase 2 milhões de manifestantes em todo o país, um dos maiores protestos no Brasil nas últimas décadas.

As manifestações chocaram a todos os governos, partidos políticos, sindicatos e intelectuais no Brasil e no exterior, uma vez que o Brasil era visto como país com certa estabilidade política e prosperidade econômica e social antes do megaevento (CASTILHO, 2017). Apenas seis meses antes da Copa do Mundo de 2014, o número de manifestações diminuiu conforme o aumento da força e repressão policial. Após os acontecimentos de 2013 e 2014, o governo federal decidiu não sucumbir à declaração do grupo de protesto, e não desistiu da oportunidade única de sediar a Copa do Mundo de 2014 (BBC, 2014).

A reforma urbana para a Copa do Mundo não foi completada, conforme previa antes do evento e vários projetos ficaram incompletos e inacabados, outros, foram completamente abandonados (CASTILHO, 2017). A título de exemplo, uma das obras previstas consistia na implantação do sistema

de ônibus rápido (BRT) em quatro cidades, com o objetivo de melhorar o trânsito e ajudar a aliviar o fluxo para os estádios, contudo, apenas um BRT foi construído e implementado. Nas outras três cidades, não conseguiram finalizar a construção ou simplesmente abandonaram o projeto. O problema se tornou mais grave porque o governo federal liberou os investimentos necessários, mas os municípios não conseguiram administrar os projetos devido a irregularidades e suspeita de corrupção (RIBEIRO, 2015).

Ao final, não apenas os moradores foram afetados, mas todos os departamentos da cidade também foram prejudicados, dado que tais melhorias no transporte urbano poderiam beneficiar toda a população e setores econômicos como o turismo. Por conta dos atrasos na entrega de estádios e obras de infraestrutura, além da ameaça de greves e protestos, o Brasil acabou se tornando problemático na véspera da Copa do Mundo, e até assustou e causou receio a alguns turistas que planejavam viajar ao país (MENDONÇA, 2014).

A reputação de um país é avaliada com base na confiança, admiração, respeito, também como nas percepções das pessoas sobre o desenvolvimento econômico, atração turística e ambiente governamental (LINS, 2016). No caso do Brasil, a impressão positiva que os turistas têm é causada por sua beleza natural e pelo fato de ser um país composto por pessoas bem-humoradas e amigáveis (REBELLO, 2014). A recepção dos brasileiros tem sido reconhecida internacionalmente, o que contribuiu diretamente para o sucesso da Copa do Mundo.

O ponto principal que motiva os turistas estrangeiros a virem para o Brasil são os brasileiros. Eles costumam explicar que a população é hospitaleira, divertida e festiva. Durante o evento, os turistas tiveram um contato agradável com a população local, transformando as emoções alarmistas veiculadas pela mídia internacional em alegria e entusiasmo nas ruas e nos estádios (CASTILHO, 2017).

Devido ao grande número de reportagens negativas, o tom crítico da mídia internacional antes da Copa do Mundo de 2014 baixou as expectativas mundiais acerca do evento. Christopher Gaffney, Luiz Ribeiro e Orlando Júnior,

na obra “Metropolização e Megaeventos: o impacto da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016” (2015), revela que este sentimento negativo estrangeiro sobre o Brasil pode ser temporário. No início da Copa do Mundo, a grande festa do futebol mundial superou os problemas esperados e o clima geral tornou-se mais positivo, criando a ideia de que muitos turistas acreditavam que era a melhor Copa de todos os tempos (MENDONÇA, 2014).

O Brasil durante a Copa do Mundo teve um grande fluxo de turistas. O Ministério do Turismo estimou que 600 mil estrangeiros comparecessem a Copa no Brasil, contudo, ao final da competição foram confirmados um excesso de 400 mil, perfazendo o número total de um milhão de turistas. Somando-se aos turistas brasileiros que viajaram pelo país no período da competição, contabilizou-se cerca de três milhões (REBELLO, 2014).

A Copa do Mundo tornou possível, pela primeira vez na história do Brasil, a passagem de seis milhões de turistas internacionais em um só ano. O megaevento esportivo atraiu viajantes de todas as regiões do globo, com estrangeiros de 203 países diferentes (BONDARIK; PILATTI; HORST, 2020). Segundo os estudos apresentados pelo Ministério de Turismo, cada turista estrangeiro permaneceu no Brasil em média 13 dias, 83% afirmaram que o país atendeu ou superou as expectativas e 95% pretendiam retornar ao Brasil (MT, 2014).

No que concerne à audiência, a Copa do Mundo mostrou-se um grande triunfo ao capturar a atenção mundial dos telespectadores. A FIFA apresenta que a audiência total dos 64 jogos da Copa do Mundo chegou a 3,4 milhões, com uma média de 53 mil por jogo, além disso mais de 1 bilhão de fãs assistiram a final da Copa. O evento atingiu 3,2 bilhões de espectadores em todo o mundo e cerca de 280 telespectadores nacionais, como milhões de pessoas assistiram aos jogos pela Internet ou dispositivos móveis, foram quebrados vários recordes de audiência (FIFA, 2015).

### 3.3 A COPA DO MUNDO E OS SEUS LEGADOS.

Para melhor identificar os legados e pontos abordados, cumpre utilizar novamente o estudo de caso da Copa do Mundo na Alemanha em 2006 e do Brasil em 2014, no qual são aplicadas quatro categorias de legado para aprofundamento no campo da comparação.

A primeira é sobre o legado econômico. O impacto econômico previsto é importante para esclarecer as negociações para os megaeventos. Os estudos sobre o tema, concluíram de forma unânime que os megaeventos são aptos a gerar empregos para o país anfitrião, além de aumentar a tributação e promover o crescimento econômico.

A segunda categoria trata sobre o legado da imagem do país. Argumentando como o crescimento econômico é um benefício tangível, mencionando a melhoria da imagem e o benefício intangível mais comum gerado por grandes eventos, e em como os Jogos Olímpicos ou a Copa do Mundo desfrutam de reconhecimento incomparável e de conexões positivas.

A penúltima categoria especifica o legado do turismo. Cidades e países especulam que a atenção global provocada por megaeventos atrai turistas, não só durante o próprio evento, mas a longo prazo.

A última categoria do legado consiste na infraestrutura. A grande quantidade de turistas, jornalistas, dirigentes e atletas que chegam ao local do evento exige uma grande infraestrutura urbana.

### 3.3.1 LEGADOS DA COPA DO MUNDO DE 2006 NA ALEMANHA.

Os megaeventos não afetam apenas o fluxo de turistas ao país anfitrião, mas também envolvem projetos de melhoria de capital com financiamento público, usados para a melhoria da infraestrutura. Argumentos comuns em apoio à decisão de sediar esses eventos incluem taxas de crescimento econômico, taxas de desemprego mais baixas, aumento das atividades de turismo e receitas do governo, aumento da entrada de capital e melhoria da imagem do país no mundo (BARBOSA; VIANA; SAMPAIO, 2018).



Antes da Copa do Mundo de 2006, já foram emitidos diversos relatórios de análise, segundo os quais o valor do investimento é de cerca de 6 bilhões de euros em relação ao megaevento, e foram esperados 1-2 milhões de turistas. O crescimento estimado da receita consistia em variante de 2 a 10 bilhões de euros, o qual é capaz de gerar 10 mil empregos (AHLERT, 2000; CAPITAL, 2006; *DEUTSCHE INDUSTRIEUND HANDELSKAMMER*, 2006; *DEUTSCHE POSTBANK AG*, 2005a e 2006b; KURSCHEIDT, 2004, *apud* HAGN; MAENNIG, 2007).

No investimento em infraestrutura, foi estimado um gasto de 6 bilhões de euros ou em torno de 7,64 bilhões de dólares<sup>1</sup> e, ao final, obteve-se um investimento de aproximadamente \$4,6 bilhões de dólares.

O legado dos estádios que foram construídos ou reformados consistiu em um bom investimento esportivo, em razão do longo sucesso da Bundesliga (Liga nacional de futebol alemã), uma vez que, como já apresentado no último tópico, esta é capaz de atrair grande número de espectadores, e que por isso resultou em sua utilização por diversas vezes. A maior preocupação do governo alemão era sobre o legado de apenas um dos doze estádios. O único estádio que enfrentava problemas era o Zentralstadion, em Leipzig, financiado pelo município e por fundos privados, não contava com time profissional e não tinha um público alvo (MAENNIG; PLESSIS, 2007).

Em 2009, a empresa Red Bull, que possuía grandes planos de investimento no futebol alemão, comprou o clube SSV Markranstädt, que estava na quinta divisão do campeonato alemão. Localizado a oeste da cidade de Leipzig, a nova equipe declarou seu desejo em se mudar para o Zentralstadion. Os direitos de nomenclatura foram concedidos em 2010 e renomeou como “Red Bull Arena”. Atualmente, o time joga na primeira divisão do campeonato alemão (Bundesliga) e conta com uma média de 40 mil torcedores presentes na Red Bull Arena (BYSOUTH, 2020).

Um dos grandes legados de infraestrutura que a Copa do Mundo trouxe à Alemanha foi o *InterCity Express* (ICE), o trem de alta velocidade. A decisão para começar o projeto foi tomada nos anos 1990, mas a Copa do

---

<sup>1</sup> Taxa de câmbio média 1.27 de euro para dólar em 2006.

Mundo foi um grande incentivo para terminar a obra para ser utilizada para o megaevento (GALLAS, 2014) Os números da Copa do Mundo de 2006, obtidos após duas semanas do começo do evento, mostram que aproximadamente 55% dos torcedores que têm ingressos para os jogos utilizam transporte público para chegar até o estádio (FIFA, 2006). Agora é possível que os alemães que moram em uma cidade e trabalham em outra façam esse trajeto com mais facilidade, pois mais de 300 mil passageiros diariamente usam as novas estações, com mais de 1.100 trens, um partindo a cada 90 segundos (GALLAS, 2014; HARDING, 2006).

A Copa do Mundo de 2006 também foi responsável por impulsionar a economia da Alemanha. O governo previa um crescimento de 1,6% até 2,3% por cento no PIB per capita. Ao final, o PIB per capita da Alemanha cresceu 3,2% (WB, 2021). Devido ao sucesso obtido com os turistas, o megaevento de quatro semanas rendeu à indústria de turismo da Alemanha 400 milhões de dólares em receita, e adicionou aproximadamente 2 bilhões de euros com vendas de lojas varejistas, restaurantes, bares e consumo dentro do estádio (MAENNIG, 2007). Com o grande fluxo de estrangeiros, mais de 2,5 milhões de turistas chegaram no primeiro semestre de 2006, depois mais 2 milhões em junho e julho, totalizando, entre os meses de janeiro a julho, um aumento de 4,5 milhões de turistas antes ou durante a Copa do Mundo (CNTA, 2006).

As construções e melhoria da infraestrutura e o grande fluxo de turistas, resultam em um ponto positivo, que destacou o crescimento do emprego na Alemanha em 2006 (CNTA, 2006). O governo alemão informou que a Copa do Mundo gerou 50 mil empregos, embora a maioria deles fossem temporários. Em todo o ano de 2006, o número de pessoas trabalhando superou o número do período no ano anterior e não houve desaceleração sazonal no emprego entre os meses de junho e julho de 2006 (MAENNIG, 2007).

Por fim, a Copa do Mundo, como já apresentado no último tópico, contribuiu com a melhora e alteração da imagem internacional da Alemanha e do seu povo. As pesquisas feitas pelo Conselho Nacional de Turismo da Alemanha (2006), apresentam que 79% dos turistas acreditam que a imagem dos alemães e do seu país foram renovadas significativamente na Itália, Brasil, França e na Holanda. Em 2006, a Alemanha excedeu sua meta de 5 milhões de

visitantes nacionais e estrangeiros, e os principais pontos da Alemanha para os turistas foram: o acesso rápido e fácil; paisagens naturais belas; lugares fascinantes de interesse histórico; boas compras e bons hotéis (CNTA, 2006).

Apesar dos diversos pontos positivos, cumpre salientar que os efeitos da Copa do Mundo não trouxeram um impacto econômico à longo prazo, mas sim à curto prazo. Quanto aos legados, a Copa do Mundo incentivou a construir, renovar, e atualizar os transportes urbanos, infraestrutura e, para mais, acrescentou muito ao futebol nacional. O ponto forte da Copa na Alemanha foi a renovação da sua imagem global, conforme retratado, sendo receptiva e amigável com o grande número de turistas estrangeiros, a Alemanha finalizou o megaevento com uma nova imagem, segura e confiável, se mostrando mais aberta e rica em cultura.

### 3.3.2 LEGADOS DA COPA DO MUNDO DE 2014 NO BRASIL.

A 20ª Copa do Mundo, sediada no Brasil em 2014, deu ao país a oportunidade de se apresentar ao mundo como um Estado forte, seguro e moderno. Foi esperado que o evento pudesse ajudar o país e sua população, tanto em termos esportivos quanto econômicos (PFLÜGER; QUITZAU, 2014).

A ideia de organizar megaeventos tem como fito atrair grandes quantidades de recursos públicos e privados para investimento na cidade. Ciente dessas ideias, o governo brasileiro decidiu organizar um plano de investimentos para transformar as capitais de 12 estados brasileiros. Independentemente do resultado dos jogos da Copa do Mundo, o objetivo é deixar um legado em infraestrutura, empregos e melhorar a imagem do Brasil no mundo (NOBRE, 2017).

Antes da Copa do Mundo começar no Brasil, o Ministério do Turismo publicou as expectativas dos retornos econômicos e sociais esperado pelo governo brasileiro. O Ministério do Turismo (2014) apresentou que o governo brasileiro esperava obter R\$30 bilhões de reais a mais no PIB, R\$6,7 bilhões a

mais na economia, 200 mil empregos, 3.7 milhões de turistas no país, e 3,6 bilhões de espectadores.

É indubitável que o legado que possuiu maior impacto ao Brasil foi o de infraestrutura. Paula (2015) mostra que a Copa do Mundo custou ao cofre público cerca de 27 bilhões de reais, o que é 500% além da previsão inicial do governo de 5,6 bilhões de reais. Parte desse dinheiro foi investido na construção de sete novos estádios e na reforma ou requalificação dos outros cinco, a outra parte foi investida em obras urbanas.

Relativamente aos legados dos estádios construídos, atualmente cinco dos doze estádios que sediaram jogos da Copa do Mundo em 2014 estão quase sempre vazios, os quais geram prejuízos aos cofres públicos. O estádio construído em Recife, Manaus, Brasília, Cuiabá, e Natal, que em 2014 não possuía nenhum clube na série A (exceto o Recife que têm grandes clubes, mas que não aceitaram mudar para o novo estádio), o que poderia garantir uma média de público e renda maior (PAULA, 2015). Todos esses estádios se tornaram legados negativos que a Copa do Mundo trouxe, mas o maior de todos é o estádio Mané Garrincha, em Brasília. O estádio custou R\$1,4 bilhões de reais e é utilizado apenas poucas vezes para o futebol da série A. O estádio está sendo mais utilizado para eventos como formaturas e shows, e seu espaço de estacionamento é utilizado como uma garagem de ônibus (TEIXEIRA, 2015).

A outra grande parte do investimento federal voltou-se ao transporte urbano, no entanto, o projeto não atendeu às expectativas. Dos 44 projetos planejados, 16 foram abandonados (PAULA, 2015). Na maioria das cidades sede, a solução encontrada foi o BRT para atingir o objetivo de melhorar o trânsito urbano, mas conforme já exposto, o projeto foi abandonado.

Devido à corrupção dos governantes locais e má qualidade nas construções, ocorreram acidentes fatais, tanto durante as construções como depois de serem entregues. Por exemplo, o único BRT que foi concluído e entregue no Rio de Janeiro, dentro de um ano após a inauguração, foi cenário de 40 acidentes, dos quais 8 pessoas morreram e aproximadamente 200 ficaram feridas (G1 RIO, 2015). Outro exemplo está em Belo Horizonte. Durante a Copa do Mundo, um viaduto recém-construído (uma das principais passagens para o

Estádio Mineirão, onde diversos jogos foram realizados) desabou, matando duas pessoas e ferindo outras 23 (G1, 2018).

Um dos legados esperados pelo governo brasileiro, era o impulso no PIB per capita do país, mas a realidade foi que o PIB per capita caiu de 2.10 em 2013 para -0.35 (WB, 2021). O governo tinha trabalhado muito para convencer os brasileiros de que a Copa do Mundo impulsiona a economia, cria empregos, aumenta os investimentos e atrai muitos turistas ao país, mas não foi apenas a Copa do Mundo que causou a queda. A competição de futebol foi como uma “cereja no topo do bolo” que acompanhou os outros fatores que capazes de contribuir, em muito para a queda do PIB, como a baixa no investimento, queda na produção industrial, nos serviços e nos gastos do governo (COSTA, 2014).

Malgrado existam todos esses resultados negativos, quando se volta para o lado positivo, nota-se que o megaevento trouxe diversas vantagens para o Brasil. O evento teve bons resultados, os quais puderam ser vistos no turismo, por exemplo, uma vez que um milhão de turistas estrangeiros vieram ao Brasil e três milhões de turistas brasileiros viajaram dentro do Brasil durante a Copa do Mundo (BONDARIK; PILATTI; HORST, 2020).

Pesquisa realizada pela Datafolha (2014), aponta que resultados sobre o evento e a imagem do país foram positivas, como 95% dos turistas consideravam os brasileiros pessoas agradáveis e hospitaleiras, 83% consideraram a organização da Copa excelente ou boa, 92% consideraram o conforto e a segurança nos estádios excelente e bom, 76% consideravam o transporte para os estádios bom, e 69% disseram que viveriam no Brasil.

Com o grande número de turistas no Brasil, a quantidade de consumo aumentou gradativamente, os números são apresentados por Alvarenga (2014), a taxa de ocupação do hotel nas cidades sedes aumentou 24% em comparação com o mesmo período de 2013; em bares, as vendas aumentaram 25%, o que trouxe aumento de mais de 20% em relação a 2013; o volume de vendas de aparelhos de TV foi muito grande, com um aumento 41% em relação ao ano passado. Ademais, a Copa do Mundo criou cerca de 1 milhão de empregos no País, do total dos empregos criados relacionadas à Copa, 710 mil foram fixos e 200 mil foram temporárias (SEP, 2014)

É possível concluir que a Copa do Mundo no Brasil contou apenas com o legado do turismo de forma positiva, dado que, em questão de infraestrutura, impactos sociais, econômico e de organização do governo, os fatores foram predominante negativos. A economia não beneficiou nem à curto ou à longo prazo, muitas pessoas ficaram, inclusive, desabrigadas em razão das obras voltadas ao evento, o dinheiro gasto em estádios mal utilizados que custeou também infraestruturas inadequadas foi proveniente de recursos públicos, que poderia ter sido investido em outros ramos sociais.

Grande parcela da população era contra o megaevento, o que, conforme relatado, gerou muitos protestos e manifestações. Ainda, no fim de tudo, para maior descontentamento da população brasileira, a seleção sofreu o seu maior vexame na história do futebol, perdendo para os alemães de 7 a 1 nas semifinais da Copa do Mundo.

## CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, restou evidente que os megaeventos trazem legados relevantes aos países que os sediam, ocorre que, tais reflexos são diferentes ao depender da classificação do país anfitrião como desenvolvido ou emergente, esses aspectos foram amplamente abordados sob ponto de vista das relações internacionais.

O primeiro capítulo trouxe a definição do termo “megaeventos”, logo, foi apresentado seu contexto histórico, que obteve origem na Grécia antiga a partir dos Jogos Olímpicos, e também foi demonstrado que não se resume a um mero espetáculo.

Em muito discorreu-se sobre os efeitos que um megaevento proporciona para a evolução das instituições. Ainda foram apresentados os legados que os megaeventos geram para o anfitrião, como impulsos econômicos, socioculturais e ambientais.

O primeiro capítulo também se dedicou em abordar as relações internacionais sob uma perspectiva esportiva e de eventos internacionais, aprofundando-se sob o viés político que existe por trás dos eventos, assim como a diplomacia esportiva e o *Soft Power*.

O segundo capítulo foi essencial para esclarecer o que são países desenvolvidos e emergentes. Foram apresentados alguns pontos históricos importantes, como a evolução do capitalismo e a Revolução Industrial. Indicadores como RNB per capita e IDH, entre outros, também foram apresentados como métricas que classificam países em desenvolvido ou emergente. Por último, o capítulo mostrou as estruturas e características de países desenvolvidos e emergentes, indicando o Brasil e a Alemanha como exemplos principais e cruciais para o capítulo seguinte.

O último capítulo consiste em parte essencial da presente monografia, posto que se realizou abordagem sobre o histórico do futebol, Copa do Mundo, e FIFA, além de melhor esclarecer acerca de adequações que países selecionados para sediar a Copa do Mundo devem se submeter.

Em seguida, o capítulo trouxe os efeitos da Copa do Mundo na Alemanha e no Brasil, que a sediaram em 2006 e 2014, respectivamente, tais como: estádios, infraestrutura, impactos sociais, turismo, imagem internacional e audiência global. Por fim, no último tópico, foram exibidos os legados da Copa do Mundo nestes dois países, sendo eles: econômico, infraestrutura, imagem e turismo.

Para o país desenvolvido, neste caso representado pela Alemanha, o retorno foi predominantemente positivo. Por outro lado, o Brasil, como país emergente, obteve apenas três vertentes positivas de retorno ao sediar o Megaevento. Outros resultados foram aquém do esperado, os quais prejudicaram a imagem do governo e parte da população.

A Alemanha, um país desenvolvido, já contava com estrutura avançada para receber a Copa do Mundo e obteve sucesso ao sediar o evento. O país usou a Copa como um incentivo para investir ainda mais na sua infraestrutura, o que pode ser observado com as reformas feitas em vários estádios, uma vez que somente um precisou ser realmente construído do início, sendo ele, a sua maior preocupação pós evento – mas que, conforme relatado, está sendo utilizado por um time de futebol que atrai um grande público.

O país já tinha uma infraestrutura de transporte capaz de lidar com a demanda da Copa, então, renovou grande parte do transporte nacional e investiu em projetos para ajudar com a locomoção dos turistas, o qual também seria utilizado por sua população após o evento. Foi contabilizado um grande número de turistas estrangeiros na Alemanha, o que ocasionou na mudança da sua imagem internacional para uma mais positiva. A Copa do Mundo rendeu um benefício econômico de curto prazo e gerou milhares de empregos neste país, e embora tenha acabado definitivamente no ano de 2006, permanece até hoje gerando bons frutos para os alemães, como legados.

Em contrapartida, o Brasil, como país emergente, não contava com uma infraestrutura suficiente para receber a Copa do Mundo, o que foi decisivo para a geração dos resultados, que se deu em sua maioria de forma negativa.

De 2007 a 2014, uma série de obras de infraestrutura, mobilidade e estádios foram realizadas, dos quais grande parte veio de investimentos do setor



público, apesar de promessas de participação do privado. Cinco dos estádios construídos estão inutilizados, o que gera prejuízo constante para as prefeituras e estados. Além disso, houveram obras de transporte não completadas a tempo para o evento e outras que foram completamente abandonadas.

Quanto à economia, cumpre dizer que o Brasil não teve benefício de curto ou longo prazo. Os únicos aspectos positivos se deram tão somente em razão do grande fluxo de turistas, que resultou na melhoria da imagem global do Brasil. Além disso, a Copa do Mundo foi responsável por gerar milhares de empregos.

Finalmente, finda-se que o legado que a Copa do Mundo deixou no Brasil foi majoritariamente negativo e, quem mais se viu prejudicado com isso foram os cidadãos excluídos e de baixa renda, uma vez que foram retirados das áreas afetadas pelos projetos, o que não teria ocorrido se não fosse pela má utilização de recursos públicos destinados ao megaevento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLERT, G., **Hosting the FIFA World Cup™ Germany 2006**. Journal of Convention & Event Tourism, 2006.

ALEGI, P. C., football. **Britannica**, 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/sports/football-soccer>. Acesso em: 20/05/2021.

ALLISON, Lincoln; MONNINGTON, Terry. **Sport, Prestige and International Relations**. Government and Opposition, 2002.

ALVARENGA, Darlan. Veja quem ganhou e quem perdeu com a Copa na economia. **G1**, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/07/veja-quem-ganhou-e-quem-perdeu-com-copa-na-economia.html>. Acesso: 30/05/2021.

AMAZARRAY, Igor. **Futebol: O Esporte Como Ferramenta Política, Seu Papel Diplomático e o Prestígio Internacional**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

ARANTES, Andrea Benedetto. A soberania nacional frente aos comandos da FIFA no país sede da Copa do Mundo de 2014: Brasil. **Âmbito Jurídico**, 2012. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-constitucional/a-soberania-nacional-frente-aos-comandos-da-fifa-no-pais-sede-da-copa-do-mundo-de-2014-brasil/>. Acesso em: 19 out. 2020.

ATKINS, Christopher. The Social Cost of Brazil Hosting World Cup 2014. **Bleacher Report**, 2013. Disponível em: <https://bleacherreport.com/articles/1663701-the-social-cost-of-brazil-hosting-world-cup-2014>. Acesso em: 09/04/2021.

BARTELT, M. P. D. D., **Copa para quem e para quê?**. Heinrich Böll, 2014.

BBC NEWS. What can Brazil learn from Germany's World Cup legacy? "Daniel Gallas". **BBC News**, 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/av/world-europe-27349105>. Acesso em: 26/05/2021.

BIANCHINI, F.; SCHWENGEL, H. **Re-imagining the city**, in J. Corner and S. Harvey (eds.), Enterprise and Heritage: Crosscurrents of National Culture, Routledge, London, 1991.

BRITANICA, I., Tlachtli. **Britannica**, 2017. Disponível em: <https://www.britannica.com/sports/tlachtli>. Acesso em: 20/05/2021.

BOYLE, M. Top 25 Developed and Developing Countries. **Investopedia**, 2021. Disponível em: <https://www.investopedia.com/updates/top-developing-countries/>. Acesso em: 12/05/2021

BROCK, Thomas. **Per Capita GDP**. Investopedia, 2020. Disponível em: <https://www.investopedia.com/terms/p/per-capita-gdp.asp>. Acesso em: 12/05/2021

BRESSER-PEREIRA, L. C., **O Colapso de uma Aliança de Classes**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

BÜTTNER, N.; MAENNIG, W.; MESSNER, M., **Relationships between investments costs for infrastructure and for sport stadia: The case of the World Cup 2006 in Germany**. North American Association of Sports Economists, 2007.

BYSOUTH, Alex. RB Leipzig: How did Red Bull build a Champions League side from scratch?. **BBC Sports**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/51475532>. Acesso em: 28/05/2021.

CARPENTER, M.; DUNUNG, S., **Challenges and Opportunities in International Business**. Creative Commons, 2012.

CARVALHO, A.M.J. **Resultados Esportivos i e ii**. In: DACOSTA, Lamartine (org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

CASHMAN, R., **The Bitter-Sweet Awakening: The Legacy of The Sydney 2000 Olympic Games**. Sydney: Walla Walla Press, 2005

CASTILHO, C.T.; EVRARD, B.; CHARRIER, D., **2014 FIFA World Cup in Brazil: Gentrification of Brazilian football**. Sociology and Anthropology, 2017.

CHALIP, L., **Rumo à Alavancagem Social de Eventos Esportivos**. Journal of Sport and Tourism, 2006.

CHANG, Ha-Joon., **Chutando a Escada: A Estratégia do Desenvolvimento em Perspectiva Histórica**. Anthem Press, 2002.

CHAPPELET, J. L., **The tale of three Olympic Cities – forecast for Torino on basis of Grenoble and Innsbruck. Torino 2006 – XX Winter Olympic Games Symposium**, Turin: 2006.

CHENG, Marguerita. Gross National Income (GNI). **Investopedia**, 2021. Disponível em: <https://www.investopedia.com/terms/g/gross-national-income-gni.asp>. Acesso em: 12/05/2021.

CIA. **The World Factbook**. Federal Government, 2011.

COSTA, Giuliana. **O Social em Questão**, PUC Rio, 2013

COSTAS, Ruth. Afinal, foi a Copa que derrubou a economia?. **BBC**, 2014. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140821\\_pib\\_brasil\\_ru](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140821_pib_brasil_ru). Acesso em: 29/05/2021.

CRESPO, Sílvio Guedes. Copa custa R\$ 8 bi em estádios e R\$ 16 bi em outras obras; falta acabar 18. **UOL**, 2014. Disponível em: <https://achadoseconomicos.blogosfera.uol.com.br/2014/07/14/copa-custou-r-8-bi-em-estadios-e-r-16-em-outras-obras-falta-terminar-18/>. Acesso em: 24/05/2021.

CROCOMBE, Mike. The Origin, History, and Invention of Soccer. **Liveabout**, 2019. Disponível em: <https://www.liveabout.com/who-invented-soccer-3556873>. Acesso em: 20/05/2021.

DOBB, M. **Studies in the Development of Capitalism**. G. Routledge & K. Paul, 1946.

DOVAL, G. C., COI, COB, FIFA E CBF: natureza, competências e papéis. **Migalhas**, 2011. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/117259/coi--cob--fifa-e-cbf--natureza--competencias-e-papeis>. Acesso em: 20/05/2021.

FERNANDO, Jason., Gross Domestic Product (GDP). **Investopedia**, 2021. Disponível em: <https://www.investopedia.com/terms/g/gdp.asp>. Acesso em: 12/05/2021.

FIFA. Time to make friends in Berlin. **FIFA**, 2006. Disponível em: <https://www.fifa.com/worldcup/news/time-make-friends-berlin-27492>. Acesso em: 20/05/2021.

FIFA. Eco-friendly transport wins the day. **FIFA**, 2006. Disponível em: <https://www.fifa.com/worldcup/news/eco-friendly-transport-wins-the-day-17871>. Acesso em: 28/05/2021.

FIFA. The History of Football. **FIFA**, 2007. Disponível em: <https://www.fifa.com/news/the-history-football-425>. Acesso em: 20/05/2021.

FIFA. 2014 FIFA World Cup™ reached 3.2 billion viewers, one billion watched final. **FIFA**, 2015. Disponível em: <https://www.fifa.com/worldcup/news/2014-fifa-world-cuptm-reached-3-2-billion-viewers-one-billion-watched--2745519>. Acesso em: 27/05/2021.

FIFA. FIFA WORLD CUP™ TIMELINE. **FIFA**, 2021. Disponível em: <https://www.fifa.com/fifa-tournaments/archive/>. Acesso em: 12/05/2021.

FIFA. GUIDE TO THE BIDDING PROCESS FOR THE 2026 FIFA WORLD CUP. **FIFA**, 2018. Disponível em: <https://img.fifa.com/image/upload/hgopypqftviladnm7q90.pdf>. Acesso em: 20/05/2021

FIFA. The History of the FIFA World Cup™. **FIFA**, 2021. Disponível em: <https://www.fifa.com/news/the-history-the-fifa-world-cuptm-439>. Acesso em: 20/05/2021.

FURTADO, C. **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

G1 RIO. BRTs do Rio já registraram mais de 40 acidentes desde 2014. **G1**, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/01/brts-do-rio-ja-registraram-mais-de-40-acidentes-desde-2012-veja-lista.html>. Acesso em: 29/05/2021.

GEHRINGER, Max. **Almanaque dos Mundiais: Os mais curiosos casos e histórias de 1930 a 2006**. Globo, 2010.

GERMAN NATIONAL TOURIST BOARD. **Incoming-Tourism Germany**, GNTB, 2013.

GERMAN NATIONAL TOURIST BOARD., " **A time to make friends™**" **The 2006 FIFA World Cup™ and its effect on the image and economy of Germany**. GNTB, 2006.

GETZ, D., **Festivals, Special Events and Tourism**. New York: Van Nostrand, 2005.

GRIFFIN, C. H., **Mega-Event Sporting Opportunities: The Case of Developed vs. Developing Countries**. Valdosta State University, 2015.

GRIX, J; HOULIHAN, B., **Sports Mega-Events as Part of a Nation's Soft Power Strategy: The Cases of Germany (2006) and the UK (2012)**. British Journal of Politics and International Relations, 2013.

GRIX, J.; LEE, D., **Soft Power, Megaeventos Esportivos e Estados Emergentes: a Atração da Política da Atração**, Global Society, 2013.

GUTTMANN, Allen. Football. **Britannica**, 2006. Disponível em: <https://www.britannica.com/sports/football-the-games>. Acesso em: 20/05/2021.

HALL, M. **Hallmark Tourist Events: Impacts, Management, and Planning**. London: Belhaven Press, 1992.

HALL, M., **Adventure, Sport and Health Tourism**. In B. Weiler & M. Hall (Eds.), **Special Interest Tourism**. London: Belhaven. 1992.

HALL, M., **Sport Tourism and Urban Regeneration**. In B. Ritchie & D. Adair, (eds.), **Sport Tourism: Interrelationships, Impacts and Issues**. Clevedon: Channelview Publications, 2004.

HARDING, Luke. Europe's biggest railway station to open for World Cup. **The Guardian**, 2006. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2006/may/11/germany.arts>. Acesso em: 26/05/2021.

HELLER, Henry., **The Birth of Capitalism: A 21st Century Perspective**. Pluto Press, 2011.

HEYNE, M. (2006). **Die ökonomischen Effekte von Fußballweltmeisterschaften: Das Beispiel Fußball, WM**. Marburg: Tectum, 2006

HUGH, Lee M., **The Ancient Olympic Games: Origin, Evolution and Revolution**. The Classical Bulletin, 1998.

HORNE, J.; MANZENREITER, W., **An introduction to the sociology of sports mega-events: Sociological Review**. WASEDA University, (2006).

INGLE, Sean. Germany to host the 2006 World Cup. **The Guardian**, 2000. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/jul/06/newsstory.sport4>. Acesso em: 25/05/2021.

JESUS, Diego de., **Juntos Num Só Ritmo? Diplomacia e Esporte Internacional**. Rio de Janeiro, Brasil: Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro, 2014

KISSINGER, H., **Diplomacy**. New York, NY: Simon & Schuster Paperbacks, 1994

MACALOON, J., **Olympic Games and the Theory of Spectacle in Modern Societies**. Philadelphia: Institute of Human Issues, 1984.

MACHADO, J. G. R.; PAMPLONA, J. B., **A ONU e o desenvolvimento econômico**. Campinas: Economia e Sociedade, 2008.

MAENNIG, W. **One year later: A re-appraisal of the economics of the 2006 soccer World Cup**. SSRN Electronic Journal, 2007.

MAENNIG, W.; PLESSIS, S., **WORLD CUP 2010: SOUTH AFRICAN ECONOMIC PERSPECTIVES AND POLICY CHALLENGES INFORMED BY THE EXPERIENCE OF GERMANY 2006**. Contemporary Economic Policy, 2007

MAENNIG, W.; HAGN, F., **Large sport events and unemployment: The case of the 2006 soccer World Cup in Germany**. Applied Economics, 2009.

MAJASKI, Christina. Developed Economy. **Investopedia**, 2020. Disponível em: <https://www.investopedia.com/terms/d/developed-economy.asp>. Acesso em: 12/05/2021.

MATHESON, Victor A., **Assessing the Infrastructure Impact of Mega-Events in Emerging Economies**. Cambridge, MA: Lincoln Land Institute, 2013.

MATHIESON, A.; WALL, G., **Tourism: Economic, Physical and Social Impacts**. London: Longman. 1982.

MENDONÇA, R. Para turistas estrangeiros na Copa, o povo é o que há de melhor no Brasil. **BBC**, 2014. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140626\\_wc2014\\_impressoes\\_estrangeiros\\_brasil\\_rm](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140626_wc2014_impressoes_estrangeiros_brasil_rm). Acesso em: 28/05/2021.

MG2. Queda de viaduto em BH durante a Copa do Mundo no Brasil completa 4 anos. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/queda-de-viaduto-em-bh-durante-a-copa-do-mundo-no-brasil-completa-4-anos.ghtml>. Acesso em: 30/05/2021.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Turismo Reúne Números da Copa Do Mundo. **Turismo**, 2014. Disponível em: <http://antigo.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/1114-turismo-reune-numeros-da-copa-do-mundo.html>. Acesso em: 27/05/2021.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Turismo Na Copa. **Turismo**, 2014. Disponível em: [http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/diario\\_da\\_copa\\_2014.pdf](http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/diario_da_copa_2014.pdf). Acesso em: 27/05/2021.

MISHRA, Chaitanya. **Development and underdevelopment: A Preliminary Sociological Perspective**. Occasional Papers in Sociology and Anthropology, 1987.

Mishra, Chaitanya. 1987. Development and underdevelopment: A Preliminary Sociological Perspective. Occasional Papers in Sociology and Anthropology, 1: 105-135.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Resumo informativo - World Cup. **MRE**, Brasília, 2011. Disponível em: <https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Gaborone/en-us/file/Resumo-Informativo-ing-07%20World%20Cup.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

MISHRA, Chaitanya., **Development and Underdevelopment: A Preliminary Sociological Perspective**. Occasional Papers in Sociology and Anthropology, 1987.

MILZA, Pierre. **Sport and Internacional Relations**. Relations Internationales, 1984.

MURRAY, Stuar., **Sports Diplomacy Origins: Theory and Practice**. University of Oxford, 2018.

MURRAY, S., **Sports diplomacy in the Australian context: theory into strategy**. Politics & Policy, 2017.

MURRAY, Stuart., **Moving Beyond the Ping-Pong table: Sports Diplomacy in the Modern Diplomatic Environment**. Los Angeles: PD Magazine, 2013.

MURRAY, Stuart; PIGMAN, Geoffrey Allen. **Mapping the Relationship Between International Sport and Diplomacy**. Sport in Society, 2014.

- NU. **Country Classification**. Conference on Trade and Development, 2020.
- NOBRE, E. A. C., **Sports Mega-Events and Urban Legacies The 2014 FIFA World Cup, Brazil**. Mega Event Planning, 2017.
- NYE, J., **Soft Power: Os meios para o sucesso na política mundial**. Nova York: Relações Públicas, 2004
- ONU., **World Economic Situation and Prospects**. Department of Economic and Social Affairs (DESA), 2020.
- PAULA, Marilene de. **A Copa do Mundo De 2014: Legados E Desafios**. Swiss Labor Assistance, 2015.
- PAULINO, Luís Antonio., **Brazilian Journal of Internacional Relations: Esportes, Megaeventos Esportivos Relações Internacionais**. Universidade Estadual Paulista, 2015.
- PEREIRA, L. C. B., **A Teoria Econômica e os Países Subdesenvolvidos**. São Paulo: Escola de administração de empresas da Fundação Getulio Vargas, 1967.
- PETRIN, Martin. **Executive Compensation in the United Kingdom: Past, Present, and Future**. 36 The Company Lawyer, 2015.
- POYNTER, G. **From Beijing to Bow Bells: Measuring the Olympic Effects (London East Research Institute. Working paper in Urban Studies)**. Londres: London East University, 2006.
- PREUSS, H. **The Conceptualization and Measurement of Mega Sport Event Legacies**. Journal of Sport & Tourism, 2007.
- PREUSS, H., **FIFA World Cup 2006 and its legacy on tourism**. Trends and Issues in Global Tourism, 2007
- PFLÜGER, Wolfgang; QUITZAU, Jörn. **BRASIL E A COPA DO MUNDO DE 2014. Instituto de Economia Internacional de Hamburgo, 2014**. Disponível em: [https://www.hwwi.org/fileadmin/hwwi/Publikationen/Partnerpublikationen/Berenberg/Strategy\\_2030 - Brazil\\_2014WC.pdf](https://www.hwwi.org/fileadmin/hwwi/Publikationen/Partnerpublikationen/Berenberg/Strategy_2030_-_Brazil_2014WC.pdf). Acesso em: 20 out. 2020
- RASURE, Erika. Human Development Index (HDI). Investopedia, 2020. Disponível em: <https://www.investopedia.com/terms/h/human-development-index-hdi.asp>. Acesso em: 12/05/2021
- REBELLO, Aiuri **Brasil recebeu 1 milhão de estrangeiros durante a Copa, diz Governo. UOL COPA, 2014**. Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/14/brasil-recebeu-1->



[milhao-de-estrangeiros-durante-a-copa-diz-governo.htm](http://milhao-de-estrangeiros-durante-a-copa-diz-governo.htm). Acesso em: 27/05/2021.

RIBEIRO L. C., **Por uma análise social e Política dos megaeventos esportivos no brasil**. Ciência e Cultura, 2014.

RIBEIRO, R. J., **Impactos da Copa do Mundo 2014 em Manaus-AM**. Dans O. A. Junior, C. Gaffney, & L. C. Ribeiro, Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016. Rio de Janeiro: Observatório das Metrôpoles, 2015.

ROCHE, M., **The Olympics and “Global Citizenship**, Citizenship Studies, 2002.

ROCHE, M., **Mega-events, Time and Modernity: on Time Structures in Global Society**, Time & Society, 2003.

SANTOS, Rodrigo dos., **Futebol e sua história: possibilidade de efetivação da proposta crítico superadora**. UNESCO, 2015.

SECRETARIA ESPECIAL DO ESPORTE. Copa do Mundo gera 1 milhão de empregos no Brasil. **Ministério da Cidadania**, 2014. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/47993-copa-do-mundo-gera-1-milhao-de-empregos-no-brasil>. Acesso em: 29/05/2021.

SHAHID, Shakeel Ahmad., **India: Pakistan Sports as a Tool For Peace: Cricket Diplomacy**. International Journal of Coaching Science, 2015.

SMITH, Adam., **A Riqueza das Nações**. W. Strahan and T. Cadell, London, 1776.

SPACY, J., 9 Characteristics of a Developed Country. **Simplicable**, 2018. Disponível em: <https://simplicable.com/new/developed-country>. Acesso em: 12/05/2021

SILVA, A., **Metropolização e megaeventos: Impactos da Copa do Mundo 2014 em Natal-RN**. Natal: EDUFRRN, 2015.

SIMPSON, David. German tourism scores big from World Cup. **Cabi**, 2007. Disponível em: <https://www.cabi.org/leisuretourism/news/16342>. Acesso em: 24/05/2021.

STURGESS, B.; BRADY, C., **Hosting the Fifa World Cup: Economic Boon or Winner’s Curse?** World Economics, 2006.

SUPPO, Hugo. **Reflexões Sobre o Lugar do Esporte nas Relações Internacionais**. Contexto Internacional: Rio de Janeiro, 2012.

TAVARES, Otavio. **Megaeventos Esportivos**. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, 2011

TAYLOR, Trevor., **The Politics of Sport: Sport and International Relations**. Manchester: Manchester University Press, 1986.

TEIXEIRA, Luiz. Arena Mais Cara Da Copa 'Vira' Estacionamento de Ônibus, 'Igreja' e até Escritórios do Governo. **Virgula**, 2015. Disponível em: <https://www.virgula.com.br/esporte/arena-mais-cara-da-copa-vira-estacionamento-de-onibus-igreja-e-ate-escritorios-do-governo/>. Acesso em: 29/05/2021.

TODT, N.; ROLIM, L.H., **A Representação Social dos Jogos Olímpicos: um Olhar a Partir de Atletas Olímpicos Brasileiros**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Brasil, 2007.

TRUNKOS, J.; HEERE, B., **Sport Diplomacy: A Review Of How Sports Can Be Used to Improve International Relationships**. ResearchGate, 2017.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley. **Esporte Poder e Relações Internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), 2008.

VIANA, J. H. N.; BARBOSA, A. V.; SAMPAIO, B., **Does the World Cup get the economic ball rolling? Evidence from a synthetic control approach**. Pontifícia Universidad Católica Del Peru. Departamento De Economía, (2018).

WATTS, Jonathan. Anti-World Cup protests in Brazilian cities mark countdown to kick-off. **The Guardian**, 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/anti-world-cup-protests-brazilian-cities-sao-paulo-rio-de-janeiro>. Acesso em: 28/05/2021.

WEST, Julian., **Diverse Structures and Common Characteristics of Developing Nations**. Oxford University, 2002.

WOLFFENBÜTTEL, Andréa. O que é? Índice de Gini. **IPEA**, 2004. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2048:catid=28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28). Acesso em: 20/06/2021

WORLD BANK. GDP per capita growth (annual %) –Brazil. **World Bank**, 2021. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.KD.ZG?locations=BR>. Acesso em: 28/05/2021.

WORLD BANK. GDP per capita growth (annual %) – Germany. **World Bank**, 2021. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.KD.ZG?end=2019&locations=DE&start=2000>. Acesso em: 28/05/2021.

YOUNG, David C., **A Brief History of the Olympic Games**, Blackwell Publishing, 2004.

**RESOLUÇÃO n° 038/2020 – CEPE**

**ANEXO I  
APÊNDICE ao TCC**

**Termo de autorização de publicação de produção acadêmica**

O(A) estudante: Andrey Polegatti Nogueira de Almeida do Curso de Relações Internacionais matrícula: 20172004300060 telefone: (62) 986432306 e-mail: Andreypolegatti@gmail.com na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: MEGAEVENTOS, COPA DO MUNDO E SEUS IMPACTOS E LEGADOS SOB A PERSPECTIVA DE PAÍS DESENVOLVIDO E PAÍS EMERGENTE: ESTUDO DE CASO ENTRE ALEMANHA EM 2006 E BRASIL EM 2014, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

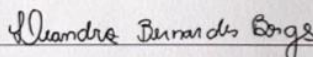
Goiânia, 18 de junho de 2021.

Assinatura do(s) autor(es):



Nome completo do(s) autor(es): Andrey Polegatti Nogueira de Almeida

Assinatura do professor-orientador:



Nome completo do professor-orientador:

